UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Encantaria na umbanda

Júlia Ritez Martins

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Encantaria na umbanda

Júlia Ritez Martins
Prof. Dr. José F. Miguel H. Bairrão (Orientador)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Martins, Júlia Ritez

Encantaria na umbanda. Ribeirão Preto, 2011. 117 p. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.

Orientador: Bairrão, José Francisco Miguel Henriques.

1. Etnopsicologia. 2. Encantaria. 3. Umbanda.
4. Cultos afro-brasileiros. 4. Psicologia da Religião

Nome: Júlia Ritez Martins
Título: Encantaria na umbanda

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP,
como parte das exigências para obtenção do
título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof (a) Dr (a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof (a) Dr (a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof (a) Dr (a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

**Ao meu marido Cristiano,
por sua firmeza, carinho e capacidade de ver além.**

AGRADECIMENTOS

Ao lugar de onde vim, Niterói, do qual me lembro de uma ponte e um elevador verde. A ponte me levou para fora e o elevador para cima.

Ao meu Pai no céu, ao pai no Rio (Ademar) e à minha mãe (Soyanne) num outro Rio, o Claro, pela vida, por me ensinar a mergulhar apesar do medo e pelas tão diferentes histórias que me marcaram e inspiraram.

À minha avó Idê que viu em mim desde pequena a força, coragem e doçura de Jurubeba. À meu avô Geraldo (in memoriam) pelas caretas, pelo seu jeito teimoso, terno e também firme.

Aos meus irmãos caçulas Natália e Rafael, meus eternos erês, que me ensinam a ser alegre.

Aos meus irmãos Isis, Afonso, Renata, Adhemar, Kátia e Robson e a minha querida “*boadrasta*” Rô, pelas férias inesquecíveis que tornavam minha vida mais leve e meu coração aquecido.

Às minhas amigas Carol, Celeste, Dani, Denise, Mariana que cresceram e se formaram comigo, sinto muita falta do tempo em que chorávamos, ríamos e fazíamos tudo juntas.

Às minhas amigas “arretadas” e cheias de axé Alice, a baiana, Amanda com sua sabedoria de preta velha, Raquel e sua Serena cabocla encantada, por serem brilhantes.

À todos do Laboratório de Etnopsicologia pelas discussões que tanto contribuíram com essa pesquisa.

Ao professor Miguel Bairrão por orientar, inovar, instigar e possibilitar que trabalhos como este sejam feitos.

Aos médiuns e entidades do Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro, principalmente à Luciana e aos encantados que me acolheram e compartilharam comigo tantas lições e sentimentos. À Mãe Tayanna por me encantar com suas histórias.

Aos meus guias que me conduziram pelas matas, águas e estudos.

Ao meu marido Cristiano que é meu maior parceiro e fã por estar sempre presente e ser o meu melhor sonho.

Aos membros da banca de qualificação, professora Francirosy e Idalina, pelas críticas e sugestões ao trabalho.

À FAPESP e CAPES pelos apoios financeiros concedidos que possibilitaram o amplo envolvimento com a pesquisa.

As aventuras de Yasmim

Yasmim não era uma gata das ruas
do mato
nem cheiro
Seu focinho
sempre no vidro da janelinha
O Sol
frestas
Os barulhos que vinham lá de fora a encantavam
Com admiração, temeu
pelas seis vidas que lhe restavam
pois, em seu desejo de saber como era do outro lado
Uma vida pulou-lhe a janela do terceiro andar
O vidro que não a deixava sair
para sua surpresa
também não a deixou entrar.

A mudança

Que lugar é esse? Que cheiro é esse?
Uma infinita combinação de cheiros!
Como pode?
Esse lugar vai para onde? E de onde veio?
Até onde posso chegar?

A nova casa

Medo, medo, medo da própria sombra
De tanto medo sentir
O medo consumiu e sumiu
Deixou o mundo novo invadir-lhe a alma
Ficou amiga da sombra
E foi na noite que se escondeu.

Na primeira vez em que teve contato com a noite
Achou que seria possuída pela lua
Correu sentindo a terra molhada em suas unhas
O cheiro do orvalho no mato
a inebriava
E um desespero por tudo que ainda não conhecia
Tudo o que podia ser
Transformou-se em serenidade.

A mata vista de cima

Ao subir numa árvore
Sentiu o vento como nunca antes sentira
Lá de cima, perto do lago
O vento soprava
Docemente frio
E foi para casa, dormir sob as cobertas.

RESUMO

MARTINS, J. R. **Encantaria na umbanda**. p. 117 Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

Ultimamente tem se disseminado em alguns terreiros umbandistas do Sudeste o culto aos encantados, uma classe originalmente atinente a cultos do Norte e Nordeste. A literatura acadêmica a seu respeito se restringe a estudos antropológicos ou sociológicos. O surgimento da categoria de encantado em outras religiões e lugares, bem como hipóteses sobre este fato, ainda não foram estudados do ponto de vista etnopsicológico. Esta pesquisa objetiva contribuir para sanar esta lacuna. Para esse efeito, realizou-se um levantamento bibliográfico do que tem sido dito a propósito do termo, procurando constâncias entre vários contextos da sua ocorrência e contrastes do seu emprego. Além disso, realizou-se um estudo de caso no Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro. Para colher estes dados, utilizou-se o método psicanalítico (atenção flutuante, relação transferencial e contratransferencial) aplicado ao âmbito etnográfico (escuta participante). Deu-se ouvidos as histórias e as narrativas a respeito dos encantados, participou-se dos cultos, realizaram-se entrevistas com médiuns e entidades, utilizou-se diário de campo e observaram-se características do espaço físico e a dinâmica ritual. A análise dos dados foi realizada considerando as características da noção de encantamento que se repetiram e contrastando-as com os resultados do levantamento bibliográfico. A elaboração da encantaria nesse terreiro teve a participação de uma médium que já havia tido contato com os invisíveis da Mina num terreiro que frequentara anteriormente, mas a presença deles é narrada como sendo anterior e atender a um propósito específico neste contexto umbandista. Contribuiu também para a construção da noção de encantamento deste terreiro o estudo tanto da literatura a respeito dos encantados como atinente a tentativa de sistematização doutrinária da umbanda. A análise indica que os encantados surgiram nesse terreiro para desarranjar categorias saturadas de significado, cristalizadas, ou, nas palavras da encantada guia do terreiro, para “*bagunçar*”. A introdução da categoria tem o sentido de restaurar e resguardar a aptidão da umbanda para dar abrigo ao aspecto misterioso do contato com o sagrado e a abertura para o desconhecido e inusitado. Com o surgimento da encantaria, ao que tudo indica, o panteão umbandista passa a ter literalmente infinitas possibilidades de entidades e linhas espirituais, e todas as pré-existentes podem ser ressignificadas, possibilitando a ampliação e a aprofundamento dos sentidos de categorias espirituais potencialmente saturadas de significado. Deste modo, neste contexto, assegura-se a possibilidade de expressar nuances e sutilezas anímicas tanto de vivências individuais como psicossociais.

Palavras-chave: cultos afro-brasileiros, umbanda, etnopsicologia, encantaria, psicologia da religião.

ABSTRACT

MARTINS, J. R. *Encantaria in umbanda*. p. 117. Dissertation (Masters Degree) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

The cult to the *encantaria* (enchanted being), originally related to cults in the North and Northeast regions in Brazil, has lately been propagated in some umbandista houses in the Southeast too. Academic literature concerning the theme is usually restricted to anthropological or sociological studies. Manifestations of the *encantados* category have not already been studied from an ethno-psychological point of view. This research aims to help filling that gap. Thus a bibliographic study concerning the term has been developed in order to find out both similarities in its occurrence and contrasts in its use in different contexts. Templo de Umbanda Caboclo Flexa de Ouro was the locus of a case study. Data collecting was based on the psychoanalytical method (fluctuating attention, transferential and countertransferential relation) applied to the ethnographic field (hearing participation). Besides giving ear to stories and narratives concerning the *encantados*, the following procedures were also used: cult participation, interviews involving mediums and entities, field journal, observation of physical space and ritual dynamic features. Data analysis was based on the contrast between the enchantment concept characteristics which frequently appeared, and the results obtained by means of bibliographical study. The *encantaria* manifestation in the studied *terreiro* occurred through a medium who had already been in contact with Mina invisibles in another house that she once used to frequent. But according to reports, these entities' purpose in this *umbanda* context is specific, and they had already been present formerly. Both literature study concerning the enchanted and the search for *umbanda* doctrine systematization have contributed to build up the enchantment concept in this *terreiro*. Analysis has indicated that the enchanted emerged in the place to unsettle highly meaningful established categories or, according to the *terreiro* enchanted guide, "to make disorder". The category introduction carries the meaning of restoring and guarding *umbanda* capability of giving shelter to the mysterious aspect involved in the contact with the sacred, and of being opened to the unknown and unusual. The *encantaria* emergence, as evidence shows, not only enables *umbanda* pantheon to assume literally uncountable entities and spiritual lines, but also to re-signify all pre-existent ones, besides allowing the enlargement and deepening of potentially meaningful spiritual category senses. Finally, the possibility of expressing animic nuances and subtleness of individual and psychosocial liveliness is assured.

Key-words: Afro-Brazilian cults, umbanda, ethno-psychology, encantaria, religion psychology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1 O encantamento do Ilê de Xangô Kaô.....	20
1.2 “ <i>Lá vem o seu navio, com a bandeira verde azul</i> ”	24
1.3 “ <i>Luz que veio de Aruanda para tudo iluminar</i> ”	31
2. MÉTODO	36
2.2 “ <i>Mas que terreiro é esse? Pisa devagar</i> ”	43
Análise dos dados.....	49
3. RESULTADOS E ANÁLISES	52
3.1 O Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro	54
3.2 Encantaria no Flecha de Ouro	60
3.3 Baião de princesas	65
Herundina	66
Mariana	72
Jarina	75
Rainha Dina	76
3.4 “ <i>Quer conhecer o mistério, vai pras ondas do mar</i> ”	78
3.5 “ <i>Ele é pequenininho, mora no fundo do mar</i> ”	87
3.6 “ <i>Quem desencantar Lençol, põe abaixo o Maranhão</i> ”	92
3.7 “ <i>Ô Herundina, é a flor que brilha o dia, ela é a pororoca, ela é a luz do dia</i> ”	97
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	107
ANEXOS	114

1. INTRODUÇÃO

Atualmente o interesse dos psicólogos em estudar temas ligados à religiosidade tem aumentado (PAIVA, 2009). O estudo das diferentes formas de conceber o mundo, compreender e lidar com o divino é extremamente pertinente à Psicologia. De acordo com Safra (2006, 2007), cada homem cria sua concepção do absoluto e é a partir dela que significa suas ações e cria um projeto de futuro.

Além de entender o sagrado como fundamental na constituição da pessoa, Safra (2005, 2006, 2007) considera o ser humano um ser aberto, influenciado tanto pela presença do outro além de si, como do outro dentro de si, aberto aos sentidos do mundo e afetado pelo passado e por aquilo que ainda está por vir. O homem, constituído como compreensão, sempre busca o sentido das coisas, questiona-se sobre sua origem e ressignifica constantemente o mundo e os elementos à sua volta de acordo com o sentido último criado para justificar sua existência (SAFRA, 2006).

Os cultos afro-brasileiros expressam e explicitam etnoteorias psicológicas brasileiras, guardam memórias sociais, mobilizando intensa e profundamente vivências psíquicas; portanto, trata-se de um campo rico para estudos em etnopsicologia. Nesses cultos, são comuns termos tais como “encantos”, “encantes”, “linha da encantaria”, “encantados”, “desencanto”, ou até mesmo dizer de alguém que se “encantou”. No entanto, esta “categoria” ou “conceito” não tem recebido muita atenção por parte dos estudiosos, salvo relatos etnográficos que evidenciam tanto a sua difusão (o Maranhão e a Amazônia parecem ser o seu epicentro, seguidos pelo catimbó nordestino) como também, progressivamente, a sua expansão e generalização um pouco por todo o país.

Considerando que o surgimento da categoria de encantado em outros cultos e lugares, bem como hipóteses sobre este fato, ainda não foram estudados do ponto de vista psicológico, esta pesquisa objetiva contribuir para sanar esta lacuna, mediante a investigação, numa perspectiva etnopsicológica, do sentido dessa introdução.

1.1 O encantamento do Ilê de Xangô Kaô

A primeira vez que tive contato com a encantaria foi num terreiro de umbanda da cidade de Senador José Porfírio, ou como os moradores preferem chamar, Sousel, no Pará, às margens do imenso rio Xingu. Um rio que mais parecia mar, numa Amazônia com cara de deserto. A ambiguidade estava em toda parte nessa terra de encantos e sofrimento.

A viagem era por conta do Projeto Rondon e o terreiro foi encontrado por acaso nas andanças entre uma oficina e outra. A porta estava aberta e ao entrar encontrei Mãe Tayanna, que já me esperava. Disse que estava dormindo e foi acordada por seus guias avisando sobre minha visita.

As histórias que Mãe Tayanna me contava faziam-me viajar para um outro mundo. Mulher forte, como todos em sua terra, seu rosto redondo com traços de índia guardava um sorriso de criança e um olhar que parecia virar a gente do avesso.

Ela dizia que eu era muito parecida com uma grande amiga sua, que morreu ainda criança. E como amigas de infância, conversamos horas a fio, como se tivéssemos a história de uma vida inteira para por em dia. Ela me contou que é benzedeira desde os quatro anos de idade e iniciou o desenvolvimento após quase ter sido levada para o fundo do rio. Nadava com as outras crianças e puxaram sua perna, não conseguia ver o que a segurava, aterrorizada lutava para se soltar e quão grande foi seu espanto ao perceber que podia respirar em baixo da água, desmaiou.

Ao acordar, já em terra firme, viu o olhar de assombro naqueles que a resgataram e, em seguida, foi levada até a mãe-de-santo da cidade mais próxima para passar por uma série de rituais de proteção e iniciar seu desenvolvimento.

Nessas terras, conta-se que os encantados possuem um grande poder, são capazes de levar uma pessoa, sem deixar vestígios e também podem atribuir dons e curar doenças do corpo e da alma.

Mãe Tayanna também me contou que costumava ter uns “apagões”. Por alguns instantes perdia a consciência de si, não se lembrando o que estava fazendo, ou mesmo quem era. Após alguns minutos, recuperava aos poucos a memória e a percepção de tempo e espaço. Essas sensações não foram associadas na ocasião a nenhuma interferência espiritual.

Na semana em que passei em Sousel, fui a uma gira e conheci os guias de Mãe Tayanna. Igualmente, fui tratada como uma visita ilustre e ao mesmo tempo como se fosse da Casa. Eu me sentia em casa e num mundo distante. Conheci princesas, rainhas, animais em

corpos humanos que dançavam, retorciam-se como se os médiuns fossem desprovidos de ossos. O toque dos tambores também era diferente dos daqui, ressonavam em minha pele com força. Tudo parecia dotado de mais força, mais vida, mais encanto.

Ao voltar para casa só pensava em uma maneira de voltar àquele lugar, mas tal ideia também me assustava. Como tudo o que me põe medo desafia-me e ao mesmo tempo atrai, fui procurar os encantados aqui em São Paulo e comecei meus estudos no Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro. Pesquisa anterior desenvolvida no Laboratório de Etnopsicologia da FFCLRP-USP (PELLICIARI, 2008) permitiu a identificação desse Templo como lugar propício para o desenvolvimento do estudo com os encantados, pelo fato de lá haver uma valorização de seu culto a ponto da encantada que incorpora na dirigente ser uma das principais autoridades espirituais do terreiro.

As questões que nortearam esse estudo sobre os encantados foram:

- 1- Haveria uma espécie de categoria conceitual a seu respeito, mais ou menos bem estabelecida ou em processo de construção, nesses cultos em que são incorporados? Para tentar responder a essa questão, realizei um levantamento do

que tem sido dito a propósito do termo, procurando constâncias entre vários contextos da sua ocorrência e contrastes do seu emprego correlativamente a outras “conceituações” ou formas de classificação vigentes no mesmo universo.

- 2- A partir dos sentidos levantados sobre os encantados levantados, com base no estudo da literatura acadêmica a seu respeito, principalmente sobre o tambor-de-Mina no Maranhão e Pará, outra questão surgiu: os encantados que têm sido incorporados à umbanda na Região Sudeste estariam relacionados aos dos cultos do Norte e Nordeste? Se sim, quais os pontos de convergência e divergência?
- 3- E, por último, considerando o acréscimo ao panteão umbandista dessa nova categoria, existiriam necessidades da comunidade em questão implícitas a essa adoção? Dito de outra forma, haveria vantagens em incluir os invisíveis – que não são espíritos – nos rituais em que normalmente se cultuam guias espirituais?

Em síntese, o objetivo desta pesquisa foi o de contribuir para o esclarecimento da introdução do culto de encantados na umbanda e o seu concomitante alcance psicológico mediante um estudo de caso.

No intuito de construir um caminho a ser compartilhado sobre meu estudo dos encantados, dividi a Dissertação em três partes.

A primeira parte é composta por capítulos mais teóricos: o Capítulo 1.2, “*Lá vem o seu navio, com a bandeira verde azul*”, além de tratar do uso do termo encantaria nos cultos afro-brasileiros, pretende apurar se seria possível inferir desses empregos uma espécie de categoria informadora de alguma peculiaridade que nesses contextos simbólicos não pudesse expressar-se por outro meio e que possa apresentar relevância etnopsicológica. Também com o intuito de situar o leitor que não possui qualquer vivência relacionada a esses cultos, o Capítulo 1.3, *Umbanda: “Luz que veio de Aruanda para tudo iluminar”*, trata de aspectos comuns ao universo umbandista e faz um apanhado geral do seu culto, guias e orixás, bem como sobre a relação dos médiuns com esse universo.

A segunda parte tem como objetivo apresentar o método utilizado nessa pesquisa, procura reunir diferentes perspectivas para elaborar e explicitar como é possível, numa perspectiva etnopsicológica, compreender a inserção dos encantados na umbanda. O Capítulo 2.1, “*Mas que terreiro é esse? Pisa devagar...*”, apresenta o meu percurso em campo, inquietações, reflexões e perspectivas teóricas utilizadas para a coleta de dados.

A terceira parte apresenta os resultados e discussão. No Capítulo 3.1, *O Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro*, faço uma descrição geral do terreiro estudado, incluindo

aspectos físicos do lugar, composição do culto, guias, etc. No Capítulo 3.2, *Encantaria no Flecha de Ouro*, apresento os encantados desse terreiro tal como se mostraram para mim, suas formas de trabalho, momentos em que eram incorporados e características gerais. No Capítulo 3.3, “*Quer conhecer o mistério? Vai lá pras ondas do mar*”, conto sobre meu processo de iniciação e meu relacionamento com a encantaria. No Capítulo 3.4, “*Ele é pequenininho, mora no fundo do mar*”, trato das semelhanças que percebi em campo entre os guias encantados e a linha das crianças. No Capítulo 3.5, “*Quem desencantar Lençol, põe abaixo o Maranhão*”, procuro compreender como se deu a inserção dos encantados no Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro e, por fim, no Capítulo 3.6, “*Ô Herundina, é a flor que brilha o dia, ela é a pororoca, ela é a luz do dia*”, levanto hipóteses sobre o papel dessa linha nesse contexto e teço algumas reflexões sobre a importância da encantaria para a umbanda.

1.2 “*Lá vem o seu navio, com a bandeira verde azul*”

Chamada dos encantados¹

*Chamei na praia
ninguém atendeu
Tornei a chamar
ninguém deu atenção
Chamei na praia
praia do Lençol
é pertencente ao Rei Sebastião*

A literatura acadêmica a respeito dos encantados se restringe aos estudos antropológicos ou sociológicos, em sua maioria, provenientes de pesquisas realizadas nos estados do Pará e Maranhão sobre o tambor-de-mina, uma religião trazida para essas regiões pelos africanos escravizados (CAMPELO, 2007; FERRETTI, S., 1996; FERRETTI, M., 2000, 2006, 2008; MAUÉS, 2005; MAUÉS; VILLACORTA, 2001).

Mesmo nessas pesquisas desenvolvidas em cultos que já eram morada dos encantados antes da sua migração em maior escala para a umbanda, a noção de encantado, tal como foi possível descrevê-la mediante as informações colhidas em campo, apresenta-se envolta em mistérios e indefinições. Talvez por algum elo na cadeia de transmissão da tradição ter se perdido ou mais provavelmente por também lá a categoria, parcialmente concebida como intrinsecamente incognoscível, não ter se sistematizado conceitualmente.

Nesses estudos os encantados são referidos como seres que teriam vivido na terra e não morreram, mas se encantaram, tornaram-se invisíveis (FERRETTI, M. 2000, 2008; MAUÉS; VILLACORTA, 2001; PRANDI; SOUZA, 2001); ou que sempre estiveram na condição de encantados, nunca teriam sido mortais; e haveria mesmo alguns encantados de origem totalmente desconhecida (FERRETTI, S., 1996; LEACOCK, R.; LEACOCK, S., 1972).

Segundo Seth e Ruth Leacock (1972) – que estudaram as religiões afro-brasileiras de Belém, principalmente o Batuque –, os membros desse culto apontam a linha da encantaria como sendo um mistério que os homens jamais entenderam. Seguindo essa mesma perspectiva, os estudos de Mercante (2000) dos rituais de cura da Barquinha (uma derivação

¹ Cantiga dos encantados tocada nos cultos do Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro.

do Culto do Santo Daime que, tal como este, se originou no Acre) mostraram que os encantados são considerados “coisas secretas”; sabe-se que são entidades² com muitos conhecimentos, habitam o mundo espiritual, purificando-se ou cumprindo penitência, e são fundamentais no desenvolvimento dos “trabalhos espirituais”.

Um dos “mistérios” relacionado à encantaria é que essas entidades podem se manifestar na forma humana ou animal (FERRETTI, S., 1996; FERRETTI, M., 2000, 2008; MAUÉS; VILLACORTA, 2001). De acordo com Ferretti (2000, 2008), a transformação em animal pode ocorrer de maneira involuntária e ser considerada como uma espécie de prisão, ou ser utilizada como uma estratégia de fuga ou para transpor algum obstáculo.

Acrescenta-se que são seres que moram no “encante”, uma região subterrânea ou subaquática (LEACOCK, R.; LEACOCK, S., 1972), local em que se “encantaram” quando foram atraídos por outros encantados (MAUÉS, 2005; MAUÉS; VILLACORTA, 2001).

A natureza e a localização desses lugares variam de acordo com o tipo de encantado. Por exemplo, índios encantados vivem nas profundezas das florestas virgens, espíritos aquáticos abaixo dos rios, lagos e mares, enquanto outros podem viver em elaboradas cidades abaixo das civilizações humanas (LEACOCK, R.; LEACOCK, S., 1972).

Para Ferretti (2008), o “encante” é um local afastado dos homens, descrito como misterioso, de muito poder e “reabastecimento de forças”, mas quando cercado ou interditado por alguém, isso pode resultar em muitas mortes. Portanto, representa também um lugar de grande risco. Segundo a mesma autora (2000), essas entidades podem habitar ainda árvores, matas, poços, baías, pedras, entre outros lugares.

A crença nos encantados derivaria de lendas de origem europeia e relacionar-se-ia a histórias de príncipes e princesas encantadas, mas também é influenciada por concepções de origem indígena, tais como a ideia de lugares situados abaixo da superfície terrestre; e noções africanas como a de orixá, que igualmente não se confunde com as entidades espirituais (MAUÉS, 2005; MAUÉS; VILLACORTA, 2001). Para Carneiro (1981), o culto aos encantados, nos candomblés da Bahia, seria o resultado da mistura dos mitos dos negros bantos aos dos ameríndios.

Segundo Prandi e Souza (2001), que estudaram a encantaria do tambor-de-mina em São Paulo, essas entidades se organizam em famílias que, de maneira geral, manteriam as mesmas características nos terreiros do Maranhão, Pará e São Paulo. Para Seth e Ruth Leacock (1972), também haveria um consenso entre os adeptos com relação às famílias dos

² Utilizarei os termos entidades, guias e espíritos como sinônimos, conforme a linguagem característica dos meus interlocutores em campo, que utilizam tais termos para se referirem aos seres que são incorporados nos cultos.

encantados. Além disso, o número de espíritos não seria infinito, havendo uma relativa constância, ainda que novas entidades sejam introduzidas de tempos em tempos, e outras percam sua popularidade e sejam esquecidas.

As principais famílias são: a do Lençol, composta pelo rei Dom Sebastião, a Rainha Barba Soeira, Princesa Tóia Jarina, Duque Marquês de Pombal, etc. A Família da Turquia, chefiada pelo Rei Mouro que travou batalhas contra os cristãos. Uma das principais representantes da família dos mouros é a Cabocla Mariana, grande porta-voz dos encantados em São Paulo. Há ainda as famílias da Bandeira, da Gama, de Codó, da Baía, de Surrupira, do Juncal, dos Botos, dos Marinheiros etc (PRANDI, 2005).

Cabe assinalar que, de acordo com Ferretti (1996, p. 4):

Embora haja uma certa uniformidade na representação das entidades espirituais, a nação, a família e a idade de uma entidade pode variar de um terreiro para outro, uma vez que se apoiam em relações múltiplas muito complexas.

Ferretti (1992), em *“Repensando o turco no tambor-de-mina”*, apresenta a subdivisão a família da Turquia em três subgrupos: a família de Ramos, Ferrabrás e a dos Mouros. Afirma ser a família da Turquia uma das linhas mais antigas e de maior prestígio no culto aos encantados. Os turcos, além de serem uma reelaboração do romance de *“Carlos Magno e os Doze Pares de França”*, também são influenciados pelas mouriscas, danças populares realizadas em festas religiosas no Brasil e em Portugal. Considerando que, na qualidade de encantados, os membros da família da Turquia não se sujeitam a condicionamentos temporais e espaciais, há a possibilidade de incorporação de novos personagens ao panteão, mesmo que eles tenham vivido muitos séculos após a morte de Carlos Magno. De maneira geral, ela é composta por guerreiros identificados com lutas por questões religiosas.

Meyer (2001), em seus estudos sobre os “Caminhos do Imaginário no Brasil”, aponta para a “persistência de muitas formas e temas que remetem às mais antigas tradições européias, já, de há muito, mortas lá” (p. 148). Também trata da história de *Carlos Magno e os Doze Pares de França* como peça importante presente no imaginário dos nordestinos, provavelmente, por estes se identificarem com aspectos de bravura e determinação diante dos obstáculos mostrados pelos guerreiros dessa história. A autora entende o combate entre mouros e cristãos, que é encenado nas cavalladas, folguedos e outras manifestações populares, como uma metáfora que permite compreender melhor o Brasil. Para ela, essas narrativas persistiram no imaginário brasileiro, embora estejam tão afastadas no tempo e espaço de suas matrizes originais, possivelmente porque aqui também houve uma *Guerra*

Santa da Conversão, com a imposição, muitas vezes violenta, dos valores, crenças e costumes dos europeus colonizadores sobre os colonizados. E mais do que isso, ela afirma que se trata de uma “metáfora que a história recente da pátria amada ainda não permite aposentar” (p. 158), já que mudam as formas de exercer o poder, “mas têm mudado bem pouco os modos de relação com e do poder” (p. 159).

A constituição do imaginário de um povo pode seguir caminhos muitas vezes incompreensíveis à primeira vista, inicialmente, a presença nas memórias dos nordestinos de elementos provenientes de narrativas sobre fidalgos franceses pode parecer absurda. No entanto, Meyer (2001) relacionou essas imagens à história e vivências dessa população. Ferretti (1992), em seus estudos sobre o turco no tambor-de-mina, igualmente encontrou referências que a levaram a concluir que o romance de *Carlos Magno e os Doze Pares de França* contribuiu para a elaboração das famílias turcas de encantados. Mas não se sabe se ao serem incorporados nos cultos afro-brasileiros do Sudeste os encantados também estariam associados a essas narrativas, ou mesmo se haveria outras histórias que poderiam ser relacionados a eles.

De acordo com Prandi (2005), o culto aos encantados foi trazido para São Paulo em 1977, por Francelino de Xapanã e, da sua Casa das Minas de Tóia Jarina, derivaram diversos terreiros que se espalharam pela região Sudeste. E o caminho de volta também é muito percorrido, os cultos afro-brasileiros do Sudeste também exercem grande influência na Mina da região Norte e Nordeste.

O contato das religiões afro-brasileiras do Norte, ligadas também às tradições culturais indígenas, tais como o terecô, pajé ou brinquedo de Santa Bárbara; com o tambor-de-mina, tanto nessa região como no Sudeste, resultou em formas híbridas encontradas nos terreiros que vêm sendo chamadas de umbanda (FERRETTI, M., 2001).

Ferreti (2001), em seus estudos sobre a encantaria em Codó, apresenta a mãe-de-santo Antoninha, que recebeu os assentamentos de sua mãe, teve contato com a umbanda em suas viagens para o Sudeste, fez cursos por correspondência e incorporou alguns elementos desse ritual, como a festa de Cosme e Damião. Seu salão se chama Tenda Espiritual de Umbanda, mas afirma ser mesmo apegada “às suas pedrinhas”, definindo sua religião como sendo “*da mata do coco, da pedra, do chão*”. Suas entidades são os encantados, ou invisíveis, mas não fala muito a respeito deles. Durante seu desenvolvimento, conta que quem entrava no quarto não falava sobre o que via (ela fez comentário e foi castigada); ficou recolhida por sete dias, bebia chá de capim-limão e gengibre, e comia papa de milho sem sal; rezava dia e noite; sua

mãe lhe dizia: “*o que você vê não fala, a encantaria tem mistério, tem mironga*”; assim, tornou-se vodunsi de “*cabeça amarrada*”, “*ouvidos tapados*” e “*pés no chão*” (p. 114-115).

Com relação à interação dessas entidades com os adeptos de seu culto, alguns médiuns com um dom especial, a vidência, podem vê-los. É possível ainda aparecerem em sonhos e nos transe mediúnicos (FERRETTI, M., 2008). E quando são incorporados dançam, bebem e conversam (PRANDI; SOUZA, 2001).

O contato das pessoas da assistência com os encantados geralmente se dá através de consultas. Elas procuram os terreiros para perguntar algo ou pedir auxílio para essas entidades, que lhes prescrevem obrigações, tais como acender velas, tomar banho de ervas ou outro tipo de ritual. Os consulentes, por sua vez, contribuem com dinheiro, ou algo de valor para o médium ou líder da casa. O seu contato com o encantado ocorre, portanto, através dos médiuns (LEACOCK, R.; LEACOCK, S., 1972).

Já a relação destes com os encantados é extremamente íntima. Referem-no como mãe, pai ou filho. E, além de ceder seu corpo, há uma série de obrigações que precisam cumprir, como restrições alimentares e sexuais; ou ainda providenciar oferendas, roupas, acessórios e objetos rituais para eles e manter um santuário em casa, entre outras (LEACOCK, R.; LEACOCK, S., 1972).

Segundo Seth e Ruth Leacock (1972), o encantado desencadeia o relacionamento com o ser humano. Potencialmente toda pessoa poderia receber um encantado. Há encantados que incorporam mesmo contra a vontade do indivíduo, enquanto algumas pessoas, apesar de desejarem incorporar um encantado, jamais conseguirão tal feito.

Há certa ambiguidade a respeito dessas entidades, já que podem atuar como curadores e protetores ou causar doenças (LEACOCK, R.; LEACOCK, S., 1972; MAUÉS, 2005). Podem ainda punir severamente seus protegidos e são, muitas vezes, responsabilizados por comportamentos, tais como o alcoolismo e a agressividade (FERRETTI, M., 2008). Segundo Boyer (1999), ora essas entidades são associadas aos orixás e santos católicos, ora são considerados como mais próximas dos seres humanos, apresentando comportamentos como fumar, beber e xingar, além de serem capazes de transitar por “zonas sombrias”, às quais outros guias não têm acesso. Da mesma maneira, Seth e Ruth Leacock (1972) encontraram visões distintas sobre esses seres que, às vezes, são vistos como mais caridosos do que a maioria das pessoas, outras são responsabilizados por vários tipos de calamidades, podendo punir uma pessoa para demonstrar seu poder, ou até mesmo matá-la, causando um acidente. Poderiam ainda fechar as portas de uma fábrica, provocando demissões em massa, etc.

Acredita-se também que sejam capazes de provocar comportamentos estranhos que beneficiem seus devotos, como, por exemplo, induzir pessoas ricas a fazerem doações a terreiros. Podem ainda viajar pelo vento e chegar a qualquer lugar da terra rapidamente. São capazes de ouvir o chamado humano de qualquer lugar e velar por seus seguidores. Eles também conhecem o futuro e sua habilidade para prevê-lo é um de seus maiores atributos (LEACOCK, R.; LEACOCK, S., 1972).

Outra forma de demonstração do poder dessas entidades se dá durante a incorporação, ao afastarem o espírito da pessoa de seu corpo, tornando-o capaz de fazer coisas que normalmente não poderia, tal como passar a chama de uma vela por sua pele, fazê-lo andar sobre carvão em brasa, ou lavar as mãos com óleo quente (LEACOCK, R.; LEACOCK, S., 1972).

De acordo com Maués e Villacorta (2001), haveria ambiguidade também no fato dessas entidades incorporarem, já que não são espíritos na acepção habitual e mais familiar de almas sem corpo, pessoas desencarnadas, comum no kardecismo e aplicável à generalidade dos guias da umbanda. Durante o transe mediúnico, a incorporação não seria apenas da alma do encantado, mas de seu corpo. Já para Seth e Ruth Leacock (1972), quando os encantados estão em suas encantarias, são pensados como tendo corpos, porém, ao subirem à terra, sobem como espíritos, invisíveis para os homens que, portanto, podem incorporá-los.

Em pesquisa anterior no Templo de Umbanda do Caboclo Flecha de Ouro, Pelliciari (2008) deparou-se com os encantados que, na ocasião, não foram muito receptivos à pesquisa. Apesar da encantada que incorpora na dirigente do terreiro ser uma das entidades mentoras da casa, responsável pela proteção do terreiro e por passar importantes ensinamentos aos médiuns – através de palestras, por exemplo –, ela se mostrou avessa à exposição de seus mistérios. Solicitou que seu nome não fosse revelado, mas contou que trabalha na vibração do orixá Egunitá, que gosta de acessórios e da cor vermelha, além de ser enorme, não cabendo nas roupas da médium. Ao incorporar, empurra o espírito da dirigente para longe e chega quando e da maneira que quiser, não obedecendo a regras.

A dirigente revelou nesse estudo (PELLICIARI, 2008) que considera importante disponibilizar, nos rituais de sua Casa, a oportunidade para que as diferentes entidades trabalhem dentro de suas particularidades. No caso, os encantados trabalham na linha das águas, porém quando há um trabalho mais complicado a ser realizado, que envolva questões de doenças que possuam uma origem emocional, por exemplo, a encantada guia da casa é incorporada e costuma trabalhar com pedras, fogo, punhais, faca, etc. Além disso, a encantada se transforma em águia, possuindo uma visão em 360°, “*uma visão de tudo*”.

Houve uma ocasião, por exemplo, em que a encantada apareceu para um dos médiuns do terreiro como uma águia. Ele relatou que certo dia ouviu uma briga de pássaros em sua casa, “*um barulho infernal*” e avistou a ave, associando-a à encantada. Em seguida, cochilou e viu o espírito de uma criança, que chorava muito. Como não sabia o que fazer para que ela parasse de chorar, levou-a até a encantada que já os esperava e cuidou da criança (PELLICIARI, 2008).

Diversas são as histórias e versões a respeito desses seres. Trata-se, portanto, de um tema com múltiplos sentidos e aberto a ampliações e reconfigurações semânticas.

No entanto, é possível perceber que alguns traços se repetem e podem, talvez, ou ser entendidos como traços que permitem inferir uma certa concepção do espiritual vagamente difundida, implícita, ou em construção, provavelmente alternativa a outras interpretações disponíveis.

Nos encantados ressalta-se particularmente o mistério e a invisibilidade. Longe da sistematização do “mundo dos espíritos”, disponibilizada pela literatura kardecista, os encantados ressaltam o desconhecido, no limite, sublinham uma certa irracionalidade da experiência espiritual.

Igualmente na contramão dessa literatura, os encantados não precisam ser “mortos” nem desprovidos de corpo. Podem nunca ter nascido ou nem mesmo terem morrido. Sendo assim, tal como algumas categorias espirituais umbandistas (BAIRRÃO, 2008), parecem destituídos de compromissos com a necessidade de se mostrarem verossímeis à luz de uma sistematização metafísica, seja lá ela qual for. Em vez de modelos “científicos”, a literatura em que se inspiram é claramente a narrativa ficcional e as suas fronteiras, as da invenção e do maravilhoso. Deste modo não apenas se distinguem, mas se contrapõem a uma certa “racionalidade” espírita.

Os encantados ultrapassam as fronteiras da lógica. Não apenas driblam a barreira da morte, supostamente provando a “imortalidade” do espírito, como especialmente refutam a separação entre morte e vida. Tanto podem ser seres espirituais corpóreos, como viventes que incorporam como se fossem espíritos. Também evidenciam pouco apreço pelas demarcações entre reinos naturais e a segregação entre formas de vida. Podem ser peixes gente, árvores pessoas e mesmo “pedrinhas”. Deste modo, é justificável que a generalidade da literatura a seu respeito se tenha detido na descrição particular de cada uso bem contextual da noção de encantado.

1.3 Umbanda: *“Luz que veio de Aruanda para tudo iluminar”*

“Aruandê, Aruandá” refere-se, segundo os adeptos do culto umbandista, ao lugar onde ficam os espíritos quando não estão “trabalhando” em terra. O culto umbandista se trata, portanto, de um ritual baseado na possessão. “Converter-se à umbanda significa aceitar a possessão, isto é, a comunicação com os eguns e encantados, espíritos desencarnados de origens místicas que se colocam a serviço dos humanos aflitos.” (SOUZA, 2001, p. 306). Esses espíritos são incorporados nos rituais, também chamados de “giras”, visando à caridade, que possibilita a evolução espiritual tanto dos médiuns como dos próprios espíritos.

Em sua história, a umbanda passou por períodos de perseguição de seus adeptos por parte do Estado, durante a revolução de 1930 até a redemocratização em 1945, e por perseguições das igrejas católica e neopentecostais, que continuam até os dias atuais. Na década de 50, com o intuito de proteger os terreiros e na tentativa frustrada de padronização da religião, houve a criação das federações e congressos. Em seu apogeu, a umbanda teve um grande crescimento do número de terreiros, além de uma maior aproximação com a política, que buscava o apoio das massas (décadas de 60 e 70), seguido por um decréscimo (década de 80) e, segundo Negrão (1996), passou de predominantemente negra e construção cultural marginalizada à expressão de interesses das classes médias.

Esse culto reúne elementos das culturas negra, ameríndia e europeia (CONCONE, 1987), alcançando todas as classes sociais. De acordo com Souza (2001), possui uma grande capacidade de autorredefinição e se adapta ao meio social em que se insere, sendo capaz de atender aos anseios das camadas mais populares ao buscar a resolução de problemas de ordem material, mas também atrai as camadas médias com mensagens racionalizadas e terapias para o corpo e para alma.

É, portanto, característica marcante da umbanda o fato de não possuir um sistema rígido de regras, estando em constante reformulação. Segundo Souza (2001), o estilo do terreiro é em grande parte resultado da influência, personalidade e cosmovisão do pai-de-santo. Há, no entanto, certa organização que costuma se repetir:

Segundo Birman (1985), Oxalá, o Deus supremo, ocupa uma posição de destaque no panteão, seguido dos demais orixás africanos (Ogum, Oxum, Iemanjá, Iansã, Oxossi, Xangô, Ibeji, etc) e espíritos de várias linhas que são vinculados aos orixás. Apesar das linhas serem variáveis, há uma série de características atribuídas aos orixás que se manifestam tanto nessas

linhas a que pertencem, como na personalidade de seus filhos (cada adepto possui um ou mais orixás, donos de sua cabeça, ou guias). As entidades que são incorporadas nos terreiros adquirem marcas de sua presença que se tornam inconfundíveis, transformando-se em personagens com vida própria.

Cada categoria espiritual possui um significado próprio, além de ser possível um processo de constante mutação e reelaboração. Segundo Bairrão (2004, p. 199), a umbanda inclui em seu panteão “todos os tipos humanos com os quais socialmente ou pela memória e na fantasia convivemos”. Nessa mesma linha, Concone (1987) afirma que a umbanda transforma em símbolos imagens do cotidiano popular, buscando assim o seu significado mais profundo. Sendo que, para essa autora, esses símbolos são “polêmicos, contestadores e densos, portanto, de possibilidades” (CONCONE, 1987. p. 284).

Eis os principais tipos que são incorporados nos terreiros e algumas características que podem ser associadas a eles:

Os pretos velhos são os espíritos de escravos, grandes curadores e benzedores, sua fala é calma e comumente se mostram humildes, pacientes e com uma grande sabedoria, principalmente a respeito de ervas e seus efeitos (NEGRÃO, 1996). São ainda associados ao trabalho, ao ambiente rural (CONCONE, 1987) e à feitiçaria (BIRMAN, 1985).

Os caboclos são os espíritos de índios, relacionados também à cura, às ervas e à mata, são sérios e altivos (NEGRÃO, 1996). Vivem na natureza, são livres, fortes e justos (CONCONE, 1987). São referidos pelos adeptos da umbanda como um modelo ideal a ser alcançado, refletindo as potencialidades dos médiuns (ROTTA, 2010).

As crianças são espíritos infantis associados à pureza, à alegria, ao doce e aos santos Cosme e Damião (NEGRÃO, 1996). São relacionados também ao orixá Ibeji, à cura, aos jardins floridos, à futuridade e, por sua proximidade com Deus, à totalidade, ao início e fim e são grandes mensageiros do divino (BAIRRÃO; MARTINS, 2009).

Os baianos são brincalhões, debochados, alegres e especialistas na resolução de conflitos amorosos e na quebra de demanda (NEGRÃO, 1996). Adoram festas e também são associados à malandragem (CONCONE, 1987).

Os marinheiros são mulherengos, gostam de beber e são ótimos para quebrar demanda e auxiliar na cura de doenças (NEGRÃO, 1996).

Os boiadeiros trabalham com o laço desmanchando demandas (NEGRÃO, 1996). São sérios e bravos, associados ao trabalho (CONCONE, 1987).

Os ciganos são alegres e, de acordo com os praticantes do culto, costumam realizar grandes trabalhos de cura e de prosperidade em diversos sentidos, financeira, afetiva, etc.

Zés Pelintras são boêmios e malandros, podendo trabalhar em diferentes linhas (NEGRÃO, 1996).

Os exus representam o lado ambíguo e marginal da sociedade, são o “povo da rua”, responsáveis pela abertura de caminhos (BIRMAN, 1985). Bebem pinga, trabalham em cemitérios e encruzilhadas, seu trabalho é rápido e potencialmente perigoso (NEGRÃO, 1996).

As pombas-giras, segundo Negrão (1996), possuiriam as mesmas características do exu. De acordo com Bairrão (2003), são figuras associadas à sexualidade, à sedução, à fertilidade e aos prazeres sensoriais. Barros (2010), que estudou os sentidos relacionados às pombas-giras, afirma que, muito além de figuras estereotipadas de prostitutas, ou bruxas, as pombas-giras se relacionariam a um entendimento do feminino que inclui o cuidado e o acolhimento.

Os exus mirins estariam relacionados ao adolescer e às crianças de rua (BAIRRÃO, 2003).

De acordo com Negrão (1996), na umbanda não há uma clara divisão entre o bem e o mal, tem-se a direita composta por espíritos de luz (caboclos, pretos velhos, crianças), as linhas intermediárias (marinheiros, baianos, boiadeiros, marinheiros, ciganos, zés pelintras) e a esquerda (exus, pombas-giras, exus mirins) com entidades que agem através da troca e muitas vezes fazem mais o “bem” do que as entidades da direita. As entidades da esquerda protegem as costas, enquanto as da direita ficam na frente e ambas são necessárias para o bom andamento dos trabalhos e desenvolvimento dos médiuns.

Mas as entidades não são importantes apenas nos rituais, elas fazem parte da vida dos adeptos de um modo geral, organizando a maneira como interpretam e lidam com os fatos do seu cotidiano, constituindo comportamentos e atitudes. Por exemplo: avistar um pássaro específico em determinada ocasião, para quem não possui o domínio da linguagem umbandista, pode não ter significado algum. No entanto, a esse pássaro podem ser atribuídos múltiplos sentidos dentro das concepções da umbanda, ele pode ser um mensageiro de algum guia, ou até mesmo ser a própria entidade, que no caso dos encantados, pode se transformar em animais para cumprir alguma tarefa, como avisar sobre algum perigo.

Portanto, conhecer o universo umbandista permite conhecer melhor o sujeito que vivencia esse fenômeno não apenas durante as giras, mas em seu dia-a-dia.

Além disso, na umbanda se recriam crenças e doutrinas, se incorporam e combinam velhos e novos elementos, de forma ativa, produzindo novos sentidos e usos originais de práticas antigas, sendo possível que essa tendência à combinação seja uma herança africana,

já que é comum na África a associação entre deuses de diferentes etnias. Segundo Silva (1994):

Entre os vários fatores que contribuíram para essa associação estão as semelhanças existentes entre o conceito de orixá dos Iubás, de voduns dos Jejes e de inquices dos Bantos... A possibilidade dos devotos de incorporá-las pra que pudessem dançar e receber homenagens foi outra características que aproximou seus cultos (p. 69).

Segundo Silva (1994), na umbanda, se incorporam novos elementos devido à crença de que, quanto maior número de linhas cultuadas no terreiro, maior o conhecimento do pai-de-santo sobre as diferentes entidades e mais poderoso ele é considerado.

Assim, cada entidade ou classe de espíritos seria incorporada ao sistema para acrescentar ou contrapor perspectivas, contribuindo com uma “polifonia” acerca de diferentes temas (BAIRRÃO, 2002). No entanto, o que pouco se sabe é como isso acontece.

Pesquisar os encantados na umbanda é não apenas uma oportunidade de estudar o sentido da sua introdução em um novo contexto, como também o modo como, em um culto de possessão como esse, surgem reinterpretações conceituais das categorias espirituais, o seu alcance e o modo da sua instituição.

2. MÉTODO

Este estudo visa contribuir para o desenvolvimento de um programa científico em etnopsicologia e aumentar o conhecimento acadêmico sobre a umbanda.

A perspectiva etnopsicológica foi utilizada no intuito de colaborar com uma visão não reducionista do culto umbandista e valorizar o conhecimento que é produzido nesse contexto. Essa perspectiva compreende a psicologia como uma multiplicidade de saberes não restrita ao mundo acadêmico, isto é, considera a sistematização de conceitos relativos ao psicológico num determinado grupo cultural potencialmente tão relevante quanto as perspectivas teóricas aplicadas nos diferentes campos da psicologia. Portanto, traduz a idéia de haver múltiplas concepções psicológicas produzidas em contextos culturais distintos.

Para Lutz (1985) todas as pessoas desenvolvem algumas formas de compreender aspectos do ser humano e da vida social e a etnopsicologia seria uma disciplina que se preocupa com a maneira como as pessoas orientam seus comportamentos e relacionamentos, bem como a forma como conceituam e discutem seus processos mentais e de terceiros.

Portanto, o enfoque etnopsicológico é útil para o estudo dos sentidos atribuídos, no contexto umbandista, aos encantados, na medida em que valoriza a compreensão das sutilezas das construções categoriais do pensamento afro-brasileiro, desprovidas de autoria individual.

Além disso, é lícito admitir que uma dada etnopsicologia, na qualidade de um saber socialmente construído e compartilhado, comporte igualmente a possibilidade de revisões e reinterpretções do conhecimento previamente dado e critérios para a efetivação e legitimação dessas mudanças.

De acordo com Bairrão (2008), estudos etnopsicológicos da cultura popular são importantes para o conhecimento de explicações do psiquismo não acadêmicas, além de propiciarem o estabelecimento de um diálogo entre culturas e em situações peculiares como a brasileira, inclusive intracultural (uma vez que a cultura afro-brasileira ou ameríndia, ainda que marginalizadas, não podem ser entendidas como extrínsecas à cultura nacional).

Nessa perspectiva, a miscigenação da sociedade brasileira teria criado condições tanto para “o estudo da interferência de variações culturais na delimitação do chamado ‘psiquismo’ como também [para] o estudo das suas interpenetrações, recombinações e dinamismo.” (BAIRRÃO, 2008, p.251).

Nesse sentido, a progressiva generalização da categoria encantado se configura em uma oportunidade para compreender como, no universo da religiosidade popular e dos cultos de possessão, se processam reelaborações. Dessa maneira, o estudo da inclusão dos encantados, na medida em que não se trata de um mero acréscimo ao panteão, mas igualmente ao que tudo indica implica uma substancial reinterpretação de pressupostos vigentes sobre a

natureza dos espíritos e um diálogo e debate profundo com pontos de vista de práticas religiosas diversas, constitui-se numa oportunidade ímpar para trazer à luz estes processos.

No âmbito da perspectiva etnopsicológica, que prevê uma explicitação das concepções acadêmicas que sejam o ponto de partida do pesquisador, a psicanálise contribuiu para a elaboração de um método que possibilitasse um espaço em que diferentes visões pudessem ser discutidas, sem atribuição de valor.

Segundo Bairrão (2003, p. 157)

Qualquer tomada de partido a respeito das construções do imaginário social como cognições tem implicações éticas e políticas. Define uma pré-concepção de lugar do sujeito popular relativamente ao poder de conhecer, bem como se, e em que medida, é reconhecido como interlocutor ou é reconduzido a objeto de análise (na maioria das vezes) para reafirmar a superioridade da cultura das elites, em vez do reconhecimento das diferenças.

Como ferramenta metodológica, o método psicanalítico ampliado ao social (escuta participante) se mostrou útil para a apreensão de concepções etnopsicológicas da comunidade estudada. A psicanálise foi utilizada como um método que possibilita que o colaborador seja visto como interlocutor a quem dar ouvidos, respeitando tanto o significado manifesto da sua comunicação, como outros sentidos muitas vezes invisíveis aos olhos da consciência imediata. Segundo Bairrão (2005, p. 443), “A psicanálise proporciona meios para, mais do que atribuir significados, resgatar nas coisas da realidade cultural a sua dimensão enunciativa, situando, interpelando e responsabilizando sujeitos sociais”.

No entanto, cabe assinalar que não se trata de transpor todo o arcabouço teórico psicanalítico do modelo clínico para a investigação no contexto social, nem de aplicar esse modelo para explicar as manifestações umbandistas, reduzindo-as a teorias pré-estabelecidas. Utilizo a escuta analítica para “dar ouvidos” ao implícito na comunicação verbal (inconsciente), bem como ao que muitas vezes não é falado, mas é dito através de gestos, postura corporal, sensações, tonalidade da voz etc.

Segundo Bairrão (2008, p.10),

A psicanálise é útil para orientar a escuta para a percepção das minúcias e articulações significantes por meio das quais a umbanda produz sentidos, mas não serve para atribuir um significado aos acontecimentos do transe, que se sobreponha e silencie o modo como eles próprios se enunciam. Não se alcança o significado total do fenômeno umbandista, apenas se pode circunscrever configurações significantes do mesmo, que o contornam e produzem sentidos, mas não o reduzem nunca a significados completos.

Entendida desta maneira, a escuta analítica pode ser uma ferramenta importante para o estudo da umbanda, na medida em que assinala as minúcias e sentidos implícitos ao sistema estudado e não atribui significados alheios ao campo. Este procedimento confia ao outro, e ao próprio movimento discursivo, a função de interpretar a si próprio, a partir de sentidos a respeito do que é dito e mostrado e que se precipitam durante a relação entre pessoas (pesquisador e umbandistas).

Também foi utilizado o método etnográfico com vistas a possibilitar a compreensão - por dentro - do emprego e introdução da categoria de encantamento, bem como um entendimento profundo dos valores e crenças que guiam as ações dos indivíduos. De acordo com Laplantine (2004), a etnografia permite a imersão na lógica própria da cultura estudada, tendo isso em vista, busquei com esse trabalho apreender as estruturas conceituais por trás dos atos dos sujeitos.

Para tanto, além da etnografia, entendida em sua definição clássica, que se limita à descrição do visível, das imagens como aparecem (LAPLANTINE, 2004), utilizei a escuta participante (BAIRRÃO, 2005). Nessa perspectiva, procura-se ampliar as possibilidades de apreensão de sentidos, “escutar” e elucidar possíveis ambiguidades. Deste modo, no lugar de privilegiar a observação em campo, o pesquisador utiliza recursos psicanalíticos para “ouvir” as diferentes manifestações do fenômeno.

Portanto, o que distingue a escuta participante das demais técnicas da etnografia é o fato de que nessa perspectiva não se considera que haja um marco que separa o pesquisador daquilo que ele estuda. O distanciamento entre pesquisador e seu “objeto” de pesquisa, tão enfatizado e discutido nas ciências humanas e necessário àquele que observa, já que é impossível ver algo que se encontra muito próximo dos olhos, não é imprescindível ao procedimento que se baseia na escuta.

Autores como Brumana (2007) afirmam que, quanto mais o estudioso se identificar com seu objeto de estudo, menor a possibilidade de dar conta de seus sentidos, pois apenas um olhar externo e estranho estaria capacitado para formulá-los. Para ele, “ou se está na procissão ou se está repicando os sinos; não é possível estar numa coisa e noutra ao mesmo tempo. ‘Sujeito’ e ‘objeto’ do conhecimento etnológico devem estar divididos por completo.” (p. 189). A partir disso, Brumana (2007) critica Pierre Verger e Juana Elbein dos Santos por terem “*abraçado*” os princípios religiosos, segundo ele, a ponto de se silenciarem diante dos segredos iniciáticos, privando-se da liberdade de análise de que gozariam os seus parceiros da academia.

Quando se trata do posicionamento do pesquisador, parece ainda haver certa dicotomia entre estar “dentro” ou “fora” do campo. De um lado, autores que se iniciaram em determinada religião possuem uma grande preocupação em não distorcer aquilo que vivenciaram em campo e criticam pesquisas que procuram enquadrar os dados obtidos numa perspectiva teórica previamente adotada. Porém, muitas vezes os resultados disto são estudos muito descritivos, sem maiores reflexões. De outro lado, há os autores que consideram imprescindível à qualidade da pesquisa o cuidado dos estudiosos em se manterem distantes de seu “objeto” e acreditam que existe um posicionamento em campo, ou a adoção de uma dada teoria, que poderia protegê-los de se envolver com aquilo que estudam. Nesta perspectiva, questiono se o demasiado apego às teorias também não seria uma ameaça à liberdade do pesquisador e à qualidade da pesquisa.

Neste estudo, reafirmo que parti do princípio de que não é possível um total distanciamento entre pesquisador e aquilo que ele se propõe estudar. De acordo com Laplantine (2004), na preocupação em manter uma imaginada objetividade científica, o etnógrafo, ao desconsiderar sua implicação pessoal com o assunto estudado, correria maior risco, pois não há como separar aquele que observa do que é observado. Não há neutralidade possível quando o observador também é observado pelos participantes da pesquisa. Assim, no contato com o campo, o pesquisador é transformado: “Construímos o que olhamos à medida que o que olhamos nos constitui, nos afeta e acaba por nos transformar” (p. 21).

Assim, para a construção do método, utilizei também a noção de campo-tema, de Spink (2003). De acordo com este autor, o campo não se restringe a um lugar específico separado e distante do pesquisador, mas se refere a uma rede complexa de sentidos que se interconectam em momentos e lugares distintos. Tal rede tem seu início a partir do momento em que o pesquisador define o assunto a ser pesquisado e pode seguir uma trajetória inesperada, pois se trata de um processo a ser construído e negociado.

Além disso, segui as sugestões e orientações dos colaboradores da pesquisa, optando pela possibilidade do pesquisador poder ocupar diferentes posicionamentos em campo sem abrir mão do olhar atento e de estranhamento, possibilitado pela psicanálise. Dessa perspectiva teórica tão ampla e diversa, utilizei especificamente os recursos psicanalíticos que tratam de aspectos relacionais, a atenção flutuante³ e a atenção às relações transferenciais e

³ “Consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma ‘atenção uniformemente suspensa’ (como a denominei) em face de tudo o que se escuta... Pois assim que alguém deliberadamente concentra bastante a atenção, começa a selecionar o material que lhe é apresentado; um ponto fixar-se-á em sua mente com clareza particular e algum outro será, correspondentemente, negligenciado, e, ao fazer essa seleção, estará seguindo suas expectativas ou inclinações” (FREUD, 1913).

contratransferenciais estabelecidas com a comunidade pesquisada. Desta forma, busquei estabelecer um vínculo com os colaboradores que levasse em conta os cuidados éticos, mas que também fizesse sentido e fosse útil à pesquisa.

Perceber o lugar em que fui posicionada pelos colaboradores, as sensações e sentimentos despertados neles e, além disso, o que o campo despertou em mim, o que a psicanálise chama de transferência e contratransferência respectivamente, configurou-se, portanto, parte dos dados.

Segundo Favret-Saada (2005), que pesquisou feitiçaria no Bocage francês, seu estudo só foi possível porque ela se deixou afetar pela feitiçaria, experimentou pessoalmente os efeitos dessa forma de comunicação, sem a preocupação inicial de compreender o que se passava, mas deixando-se modificar pela experiência em campo e, a partir disso, pôde estabelecer um vínculo diferenciado com os feitiçeiros, o que permitiu a exploração muito mais ampla de “aspectos de uma opacidade essencial do sujeito frente a si mesmo” (p. 161) que em linguagem psicanalítica poderiam ser entendidos como aspectos inconscientes. Além disso, a autora passou a considerar os rituais de feitiçaria como mais um elemento dentro de um contexto, não atribuindo uma importância central a esse evento (como provavelmente procederia um etnógrafo) mas, por participar intensamente da vida dos praticantes, dentro e fora do ritual, percebeu que aquilo que é vivenciado nos rituais refletirá na maneira como os adeptos agirão em seu cotidiano.

Cabe assinalar que poder “escutar” aquilo que reverberou em mim, o modo como se constituiu a relação com os colaboradores, foi revelador e mostrou o fenômeno estudado. O modo como me inseri em campo, a explicitação dos procedimentos realizados para apreender os sentidos sobre os encantados, será descrito a seguir.

2.1 “*Mas que terreiro é esse? Pisa devagar*”

Nesta pesquisa realizei um estudo de caso no Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro. Os primeiros contatos com a Casa foram feitos no primeiro semestre de 2009. Apresentei-me para os médiuns que são responsáveis pelo contato com a assistência e pedi para conversar com a dirigente do terreiro. Expliquei-lhe sobre a pesquisa, entreguei uma cópia do projeto de mestrado e do artigo redigido a partir da minha iniciação científica que estudou os sentidos da linha de Cosme e Damião na umbanda.

Num segundo momento, obtive a autorização para realizar a pesquisa, tanto da dirigente, quanto do Caboclo Flecha de Ouro, entidade chefe da casa e que dá nome ao terreiro. Nesse contexto, a autorização dos guias espirituais é de fundamental importância, pois nada é feito sem a permissão deles. Portanto, a fim de se proceder de forma ética, não apenas procurei os médiuns para apresentar as diretrizes do projeto e solicitar a eles que consentissem com a realização da pesquisa, mas principalmente pedi a seus guias que me auxiliassem, protegessem e iluminassem meu caminho para que eu pudesse fazer um trabalho que fosse “formoso” aos olhos das entidades.

Cabe assinalar que em trabalho de campo anterior, durante a realização da iniciação científica, frequentei outros terreiros e tive a oportunidade de conviver com o contexto e a linguagem umbandista, fato que me possibilitou um maior traquejo na relação com as entidades. Segundo Lutz (1985), a aquisição etnográfica da linguagem do outro é a primeira e mais importante forma de apreender concepções etnopsicológicas locais.

Frequentei semanalmente os cultos da Casa abertos ao público, fiz registros em diário de campo e realizei entrevistas com médiuns e entidades. Primeiramente, observei características gerais do terreiro, tais como elementos do espaço físico, dinâmica ritual, além de dados acerca dos frequentadores e entidades incorporadas.

A respeito dos encantados, observei suas manifestações rituais, o modo e as ocasiões em que apareceram no terreiro, além de objetos, músicas rituais, seus gestos, formas de interação, etc. Também escutei as suas narrativas e histórias a seu respeito. De acordo com Segato (1997), que realizou um estudo etnográfico do culto Xangô de Recife, tão essencial quanto a linguagem verbal é a manifestação através do corpo, a aparência física, os gestos, etc, porque muitas vezes não é possível para os participantes encontrarem as “palavras certas” para explicar os atributos dos santos.

Nas visitas semanais, o espaço em que fui naturalmente acolhida foi o mesmo destinado aos consulentes, portanto, ao chegar para o ritual, solicitava uma ficha para conversar com alguma das entidades e esperava minha vez como os demais da assistência. No entanto, quando os médiuns sabiam que a linha dos encantados seria incorporada, eram orientados pela dirigente do terreiro a me disponibilizarem uma ficha que correspondesse a um dos médiuns que “giraria” (incorporaria) a encantaria.

Segundo Bairrão (2005), no contexto umbandista os sentidos são revelados no cuidado para com o pesquisador. Assim, a possibilidade de fazer parte da assistência, permitindo que os guias da casa cuidassem de mim, proporcionou um primeiro contato com a linha dos encantados. Isso porque, nesses rituais, ao conversar com as entidades e médiuns, costumava comentar sobre minha intenção de pesquisar a linha dos encantados e a partir disso alguns sentidos relacionados à encantaria eram revelados.

No entanto, os encantados raramente eram incorporados nos rituais públicos. Ao falar com a dirigente sobre minha dificuldade inicial em me aproximar dessa linha e também como demonstrei interesse em conhecer profundamente a religião, fui convidada a participar do curso de Magia do Fogo e, posteriormente, do sacerdócio (desenvolvimento mediúnico) e curso de Magia das Pedras.

As aulas do curso de Magia do Fogo ocorreram quinzenalmente, durante o segundo semestre de 2010, e teve como foco os conhecimentos básicos sobre o panteão umbandista, além de magias ensinadas para os mais diversos tipos de problemas, sendo pré-requisito para o desenvolvimento mediúnico. O curso de sacerdócio teve início em setembro de 2010 e término no final de junho de 2011, foi semanal e composto por aulas teóricas com explicações sobre os orixás e guias da umbanda e também vivências práticas em que foram realizados rituais de iniciação. Posteriormente, participei ainda do curso Magia das Pedras, de junho a setembro de 2011, que ensinava sobre os benefícios e usos rituais de diversos tipos de pedras.

No início da pesquisa, em que apenas a posição de pesquisadora era possível, as conversas eram mais difíceis e, na maioria das vezes, eram reproduzidos os conhecimentos adquiridos através da leitura de textos e livros, pois havia uma preocupação, por parte dos médiuns, em não dizer nada sobre os encantados (tão pouco conscientemente compreendidos nesse contexto) que pudesse ser considerado equivocado à luz de um suposto saber acadêmico. Além disso, a posição de alguém de fora da religião, juntamente com sua função de representante de um saber oficial, ligado às ciências e à racionalidade, pareceu provocar formas específicas de interlocução: os adeptos não se sentiram à vontade para lidar com questões que envolviam sua crença mais íntima. Por causa disso decidi participar dos cursos

oferecidos no terreiro e já na posição de filha de santo pude ter acesso ao conhecimento intrínseco do campo. Também foi possível minha participação em vivências partilhadas pelos filhos de santo, onde sentidos sobre a linha de encantados, que não seriam abordados em simples entrevistas, vieram à tona.

Portanto, como médium em desenvolvimento, frequentando a casa de duas a três vezes por semana, o meu acesso às entidades e aos umbandistas foi significativamente facilitado, já que estava participando de algumas giras fechadas ao público em geral. Além disso, a minha relação com o terreiro e com as entidades e colaboradores mudou desde que comecei a participar de cursos e iniciações, permitindo assim um envolvimento profundo com a encantaria. No entanto, em momento algum se confundiu a minha posição com a dos demais participantes dos cursos que não possuíam um foco numa investigação científica, isto é, mesmo na posição de médium em desenvolvimento, ficava claro que meu objetivo era realizar uma pesquisa sobre encantados. Tratou-se mais propriamente de poder aceder aos lugares corretos para poder propiciar a fala e ouvir os sentidos fundamentais ao estudo, que de outro modo não me poderiam ter sido revelados.

Na primeira aula do curso de Magia do Fogo, por exemplo, a dirigente do terreiro perguntou se havia alguém que não era umbandista. Como ninguém se manifestou, no curso foram utilizadas expressões próprias dos umbandistas e ele transcorreu com maior liberdade, isto é, os participantes colocavam suas questões de forma mais espontânea e também era possível notar que a dirigente se expressava com maior facilidade. Já no curso de magia das pedras, em que um dos alunos disse que não era da mesma religião (umbanda), percebi certo incômodo no decorrer das aulas: a dirigente preocupava-se bastante em se explicar e traduzir seus conhecimentos de forma que um leigo pudesse entender, perdendo assim parte da espontaneidade. Além disso, a própria encantada guia da casa, durante uma gira fechada, após contar muitas histórias sobre sua linha e a relação com os médiuns, bem como ensinar algumas “magias para cura e quebra de feitiço”, disse que nunca poderia falar da mesma maneira com todos os alunos do curso, pois “não são seu povo” (não são umbandistas).

Assim, considerar o lugar em que o pesquisador é colocado (transferência), e permitir-se ter a experiência de estar ou ser umbandista, de ocupar outros lugares além do de acadêmico observador, de acordo com a abertura e a dinâmica do campo para tal deslocamento, foi parte fundamental da pesquisa, pois facilitou o desvelamento dos sentidos implícitos no contexto. Apenas no lugar de filha da casa tive acesso às conversas informais mais reveladoras de sentidos sobre os encantados, principalmente, quando tais sentidos não

aparecem de uma forma organizada e racional, mas passando por sensações corporais, por exemplo. Acrescento que esta disponibilidade e flexibilidade em nada é estranha ao método de investigação e mesmo à clínica psicanalítica, que reconhecem que o analista é levado e posicionado pelo seu interlocutor a ocupar diversas posições transferenciais (ou seja, lhe são atribuídos papéis e significados necessários à revelação de sentidos implícitos ou inconscientes que não poderiam apresentar-se de outro modo).

A partir disso, cabe assinalar que a decisão de participar dos cursos foi tomada após conversar com a dirigente do terreiro a respeito do tipo de comprometimento que estava em foco, pois eu não poderia garantir minha participação assídua nos rituais depois de concluir o mestrado. Por uma preocupação ética, foi preciso, por exemplo, certificar-me de que a participação nos rituais de desenvolvimento mediúnico não estava necessariamente atrelada ao trabalho como médium neste templo. A dirigente esclareceu que o único compromisso que uma pessoa neste tipo de desenvolvimento teria que assumir para participar dessas atividades restritas seria o de não utilizar os conhecimentos adquiridos para fazer o “mal” para outras pessoas. Com este compromisso esclarecido e assumido comecei os cursos de magia e desenvolvimento mediúnico.

Silva (2000) afirma que ter acesso a informações e percepções adquiridas em campo é sinal de confiança e vínculo com a Casa estudada. A palavra falada é considerada sagrada e os conhecimentos são adquiridos pelos méritos que se creditam às pessoas, pesquisadoras ou não. Além disso, assinalo que a decisão de participar dos cursos, algo inicialmente não previsto no planejamento da pesquisa, foi tomada a partir da sugestão da dirigente e acatar as sugestões dos participantes da pesquisa, “além de uma atitude respeitosa, é de grande utilidade na medida em que se procura apreender o universo do outro a partir dos seus próprios dizeres” (ROTTA 2010, p. 31).

Também considerei as sugestões dos próprios guias, tanto da linha da encantaria como de outras linhas. Como exemplo, o chefe dos caboclos, que incorpora na dirigente do terreiro, informou-me que para cumprir os objetivos da pesquisa seria necessário unir diferentes tipos de conhecimentos, tais como a vivência do ritual e leitura de textos a respeito dos encantados, entre outros. Já a encantada guia da casa sugeriu-me que pedisse para sonhar com os encantados e depois que relatasse tais sonhos para ela, pois dessa forma seria mais fácil compreender os sentidos dessa linha de entidades.

Portanto, recebi a orientação expressa para prestar atenção aos meus sonhos, pois os encantados se serviriam deles para se revelarem. Em decorrência, considerei meus sonhos como parte do desvelamento do contexto simbólico dos encantados, na medida em que foram

significados pelos umbandistas, além das sensações e percepções despertadas pelo meu envolvimento com o campo. Nesse sentido, poder-se-ia questionar qual a possibilidade dos resultados serem referentes ao foco deste estudo, ou somente ao meu processo subjetivo de transformação. Crapanzano (2005) defende que a subjetividade é, na verdade, intersubjetiva. Afirmar que sentimentos, humores e emoções, apesar de serem geralmente reduzidos a elementos decorativos ou epifenômenos, que no universo da racionalidade científica devem ser categoricamente evitados ou ignorados, constituem, “a seu próprio e especial modo, uma dimensão significativa e efetiva do mundo em que vivemos, pensamos e agimos” (p. 359). Ou seja, o que se sente de forma subjetiva diz sobre nós, e também a respeito do ambiente em que estamos.

No mesmo sentido de superar a dicotomia entre interior e exterior, Bairrão (2005) aposta na contribuição da psicanálise para a psicologia social, expandindo sua utilidade para além de atendimentos individuais. Ele defende que, para Lacan, qualquer interlocutor, inclusive pesquisadores, “só se constitui e tem lugar relativamente a uma alteridade fundamental, constituinte do *eu*” (p.442), e este *eu* não pode ser considerado pela ordem de uma “interioridade”, pois circula social, cultural e temporalmente.

Durante um ritual em que a linha das crianças era incorporada, um erê me disse que para entender os encantados era preciso ter fé, pois por não serem espíritos, as pessoas não os entendem e não acreditam neles. Novamente, a questão do envolvimento com o campo (“*ser afetada*”) se manifesta como imprescindível ao estudo dos encantados. Talvez se o objetivo da pesquisa fosse estudar outra linha espiritual, a ênfase nesse aspecto não fosse tão repetida. Entretanto, considerando que a encantaria é vista como uma categoria muito avessa à exposição de suas peculiaridades, desconfiada, além de particularmente misteriosa, possivelmente se eu não tivesse tido abertura e disponibilidade para ocupar o lugar no qual fui transferencialmente colocada, estes encantados teriam continuado escondidos e inacessíveis à pesquisa.

Corbin (1998), ao discorrer sobre as sucessivas escolas e métodos adotados nos estudos de religião, afirma que “a única maneira de se poder falar significativa e convincentemente sobre fato religioso é entrando na consciência religiosa e evocando critérios que lhe são apropriados”⁴. Este autor defende que as variações e hesitações das diferentes correntes de religião comparativa (no século XIX) são sintomas das dificuldades inerentes aos

⁴ “the only way we can hope to speak meaningfully and convincingly of religious fact is by entering into religious consciousness and invoking criteria which are appropriate to it.” (Corbin, 1998, tradução livre)

próprios procedimentos. Aponta também para a limitação deles, desde que não é considerada a visão das múltiplas ordens da realidade que correspondem a diferentes “existências objetivas”, que não são reduzíveis umas às outras, nem podem ser julgadas nos termos umas das outras. De acordo com ele, se não aceitarmos o que é dado imediatamente por seu próprio modo de existência, e se tentarmos evocar critérios estranhos ao ato religioso para entendê-lo, andaremos em círculos toda vez que encontrarmos modos diferentes de ser, perguntando-nos se aquilo existe.

Portanto, para estudar o fenômeno religioso é necessário fazer valer os critérios próprios do contexto, sendo pouco produtivo e mesmo estéril alimentar questionamentos sobre a veracidade da experiência socialmente compartilhada pelos colaboradores. Pelo contrário, a sua contestação, em nome de uma suposta realidade positiva contraposta a uma “ilusão religiosa” é que se configuraria numa tomada de posição religiosa

A atitude científica consiste em dar ouvidos ao que se apresenta, suspendendo o juízo de realidade, não se trata, portanto, também, de numa atitude cínica do pesquisador fingir que possui uma crença inexistente, enganando os adeptos da religião para participar dos rituais e obter dados do campo. Questões de crença, por razões de cunho metodológico, estão postas em suspenso, embora se saiba que a dúvida é uma possibilidade intrínseca à participação em qualquer sistema religioso (BAIRRÃO 2004). Por exemplo, o médium pode não ter certeza se o que sente é resultado da aproximação dos guias ou “coisa da sua cabeça”, assim como o pesquisador que se pergunta se os dados se referem ao coletivo estudado ou apenas à própria subjetividade. Os próprios guias relatam que os médiuns convivem com a dúvida e que ela tem um papel importante nesse contexto, pois os auxilia em seu trabalho com os consulentes, relaciona-se à humildade e os “situa” como ser humano, pois “*apenas ao divino caberia certezas e saberes*”, diz uma das entidades. Da mesma forma, o pesquisador que se permite um maior envolvimento com o campo não passa a conviver com “certezas absolutas”, mesmo porque os colaboradores não compartilham dessas certezas. Considerando isso, é possível e aconselhável ao pesquisador transitar entre diferentes posicionamentos em campo, permitindo-se ele mesmo adentrar em diferentes “existências objetivas”, como diria Corbin (1998).

Cabe ressaltar que ao agradecer aos encantados pelo que foi permitido aprender sobre eles, esses guias me agradeceram por minha “*fé, esforço, motivação e persistência*”, o que parece confirmar os sentidos levantados em relação à necessidade, nesta pesquisa, de entrar

profundamente em campo e acreditar no que o outro diz, ou seja, ter como legítimo o conhecimento intrínseco ao campo que de fato é o objetivo de pesquisas como esta.

Afinal, vale retomar o autor já citado (CORBIN, 1998), para concordar com ele na afirmação de que tudo o que se pode revelar da experiência religiosa não é um sistema de pensamento observável, mas algo que lhe concerne pessoalmente. Nesta medida, além de uma descrição objetiva, trata-se da sua compreensão do campo tal como este o interpelou. Bairrão (2005) também já havia referido que na umbanda os espíritos se mostram como alteridade que cuida dos seus interlocutores, inclusive estes pesquisadores, e foi principalmente através do cuidado que os encantados se mostraram em meu estudo. Deste modo, efetivamente fui transformada por esta experiência de pesquisa (LAPLANTINE, 2004) e aprendi coisas para além das que posso apresentar aqui sobre o tema que me propus.

Análise dos dados

A análise dos dados se deu ao longo de todo o percurso da pesquisa. Sua finalidade última foi, portanto, a de resgatar o sentido e usos rituais dos encantados nos termos umbandistas. Considerei as características, traços, da noção de encantamento que se repetiram, mas sempre verificando se houve acentuações e divergências. Dessa maneira, a busca pela essência do fenômeno, de forma abstrata, foi substituída pela tentativa de apreender os múltiplos significados da experiência vivida.

Nesse sentido, a interpretação foi um processo construído a partir da interlocução e convivência entre pesquisador e colaboradores, de maneira qualitativa, sem que houvesse *a priori* o estabelecimento de normas rígidas para a análise.

Busquei compreender quais necessidades individuais e coletivas estariam relacionadas ao surgimento e disseminação da linha da encantaria, a fim de elucidar que vantagens há em conceituá-los como encantados e não apenas como espíritos ou almas humanas. Necessidades essas que provavelmente permanecem inconscientes para os praticantes.

Levei em conta ainda se o uso da categoria dos encantados era equivalente, destoava ou acrescentava algo ao que é dito a seu respeito em outras regiões e cultos. Para tanto realizei um cruzamento entre as informações obtidas por meio da pesquisa de campo e o encontrado na literatura. Levei igualmente em conta os eventuais indícios que permitiram discernir se o alastramento da encantaria se relacionaria a uma difusão cultural, uma interpenetração de

práticas de diferentes partes do país, devido a, por exemplo, migrações e a comunicação; ou se este processo estaria subordinado a uma seletividade, isto é, se há uma recriação das concepções de encantados a partir de uma lógica interna ao grupo que as adota ou ainda se resultaria de uma combinação das duas coisas.

3. RESULTADOS E ANÁLISES

3.1 O Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro

O templo se localiza em um bairro central da cidade de Jundiaí-SP, em frente à casa da mãe da dirigente. Antes de ser um terreiro de umbanda era um centro kardecista, dirigido pelo avô materno de Luciana (dirigente do terreiro), com quem ela teve pouco contato, pois ele faleceu quando ela era ainda muito criança.

Luciana se autodenomina dirigente do terreiro, pois mãe-de-santo seria, segundo ela, um “*título muito grande*”, pois teria ainda muito a aprender. No entanto, na prática, ela atua mesmo como mãe-de-santo do terreiro, sendo para os frequentadores da casa uma figura que inspira respeito, confiança e admiração. Nos momentos de crises financeiras ou emocionais, problemas de saúde, entre outros, tanto médiuns, quanto consulentes recorrem a seus conselhos e prescrições. As entidades incorporadas por Luciana são muito procuradas, poucas foram as ocasiões em que tive a oportunidade de me consultar com elas, pois a prioridade era dos casos mais graves, principalmente relacionados a doenças.

Sobre seus primeiros contatos com a espiritualidade, Luciana conta que nasceu em uma família kardecista e seu avô, que trabalhava na mesa branca, também recebia entidades da umbanda (caboclos e pretos velhos), sem que as pessoas soubessem que entidades eram. Segundo ela, mesmo o kardecismo, na época de seu avô, era visto de forma depreciativa e a umbanda era proibida, por isso era muito comum guias da umbanda serem recebidos na mesa branca sem revelarem sua identidade.

É sabido que no kardecismo não é vista com bons olhos a incorporação de entidades consideradas pelos adeptos como pouco evoluídas. Entretanto, as entidades do Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro esclarecem que essas divisões são realizações humanas, não existem no mundo espiritual, os guias podem circular entre as diferentes religiões: umbanda, candomblé, tambor-de-mina, etc. Um preto velho, por exemplo, ao trabalhar numa casa espírita, pode não se revelar como preto velho, mas sua forma de trabalhar é reveladora por si só, o benzimento com galho de arruda, uma paciência característica, enorme conhecimento sobre ervas, etc, sinalizam sua presença.

É possível ainda que um preto velho na umbanda comece a se apresentar de outra maneira, não mais com uma postura submissa, mas como um escravo que se rebelou, que viveu num Quilombo. Um negro feiticeiro, o preto velho da mata que possui uma forma de trabalho diferente dos demais pretos velhos, seu jeito de falar, postura corporal em nada

lembram o preto velho benzedor, trata-se na verdade de um encantado, mas a respeito dessa possibilidade de transformação, o aparecimento de novas características, novos elementos e mudanças na forma da entidade se apresentar serão abordados mais adiante e, especificamente, sobre os diferentes pretos velhos que podem se manifestar num terreiro de umbanda consultar Dias (2011).

Retomando a história do Flecha de Ouro, Luciana, aos doze anos, começou a frequentar um terreiro de umbanda com sua mãe e, aos quatorze, seu baiano se manifestou e pediu que abrisse uma casa para trabalhar. Como era “*meio criança*” na ocasião, Luciana diz que não tinha muita noção do que se tratava e falou ao baiano que não podia e não sabia como, ao que o baiano respondeu perguntando se ela confiava em Deus e se acreditava nele. Diante da afirmativa, o baiano perguntou então do que ela tinha medo, Luciana respondeu que não tinha medo de nada e entregou seu desenvolvimento nas mãos da espiritualidade. Seu avô, sem que ela soubesse, já havia deixado tudo pronto para que abrisse a casa, os assentamentos, firmezas, elementos, objetos e rituais que servem para proteger e abençoar o terreiro.

Luciana não precisou de muitos anos de experiência para dirigir terreiro, ela é uma médium que já nasceu pronta, conta que provavelmente já trabalhou com a magia e seres espirituais em outras encarnações e seu desenvolvimento foi, em grande parte, através da espiritualidade, seus guias Caboclo Fecha de Ouro e Zé Baiano lhe passaram os primeiros ensinamentos.

Como no período em que estava começando seu trabalho não havia a facilidade de se obter informações como se tem hoje, através da internet, livros e cursos sobre o assunto, Luciana relata que esse foi um momento bastante complicado em sua vida, pois havia muito segredo da religião e ela não podia ficar fazendo perguntas aos guias. Diz que sentia muita falta de conhecimento e, por este motivo, há uns cinco anos entrou no Colégio de Umbanda Sagrada de Rubens Saraceni e, desde então, incentiva os médiuns da casa a estudarem, ministra cursos no terreiro para os interessados.

A partir disso, diz que mudou a forma de ver a espiritualidade e que as coisas ficaram mais fáceis. Uma de suas filhas toca atabaque desde os dois anos e quando ficou mais velha levou-a para fazer o curso de atabaque, pois, segundo ela, o conhecimento é importante não apenas para evolução dos médiuns, mas também de seus guias.

O terreiro é muito voltado para a caridade, evolução espiritual e há um grande incentivo e preocupação com a busca de conhecimentos. Além disso, Luciana conta que

também procura compartilhar aquilo que sabe com os outros médiuns porque gostaria que houvesse uma continuidade de seu trabalho mesmo depois de sua morte.

O Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro existe há vinte anos sempre no mesmo local e, apesar das dificuldades, Luciana diz que não consegue imaginar como teria sido sua vida sem a umbanda, que é seu alicerce e se dedica a ela com muito amor.

Costumam ser atendidas, semanalmente, cerca de setenta pessoas e o terreiro conta atualmente com cerca de 30 médiuns, sendo 17 os que incorporam e dão consultas e 13 os que camboneiam, isto é, auxiliam o trabalho das entidades, anotando prescrições para os consulentes, ajudando-os a decifrar o que é dito pelo guia, etc.

O local possui uma sala onde ocorre o ritual. Nela há um altar principal com imagens de santos católicos, de entidades típicas da umbanda, orixás africanos, além de pedras, velas e flores. No centro deste altar, em uma prateleira na posição mais acima, tem a imagem de uma pomba, imediatamente abaixo dela, a figura de Jesus com os braços abertos e Oxalá. Na mesma altura, mais à direita, há outra prateleira com as imagens de Nossa Senhora Aparecida e de *Oxum*. Além destes, há pequenos altares nas paredes laterais com imagens de outros guias, como os ciganos, etc. Na parede do lado direito, ficam os atabaques, normalmente dois, exceto nos dias de festa em que são utilizados três instrumentos, nas demais giras, três ogãs (tocadoras de atabaque) se revezam nessa função. A ogã principal, que normalmente “puxa” os pontos cantados, é a filha da mãe-de-santo, destaca-se por sua voz potente que faz todo o terreiro vibrar ao cantar os pontos e também demonstra bastante facilidade no manejo do instrumento, auxiliando as demais nos toques mais complicados. As duas outras ogãs são irmãs e filhas de uma das médiuns do terreiro, toda família frequenta a casa há muito tempo e possui um forte vínculo com Luciana, considera-se uma só família. As três ogãs são bastante jovens, mas assumem com responsabilidade essa função tão importante no terreiro.

Além disso, nas paredes há uma lousa, certificados do terreiro e quadros das entidades. Na entrada dessa sala, acima da porta, tem-se a inscrição “Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro” e, do lado direito, a imagem de uma águia.

O espaço destinado à permanência das pessoas que esperam a sua vez de se consultarem com as entidades é separado por uma cortina e um patamar de onde os médiuns se dirigem aos consulentes para passar informações e avisos sobre o culto. No espaço onde a consulência permanece encontram-se diversos bancos e cadeiras. Na parede esquerda há um cartaz com explicações sobre os orixás e uma lousa em que se registram os dias de ritual e as

entidades que serão incorporadas. Na parede do lado direito há duas pinturas de orixás e uma entrada para um pequeno cômodo onde são distribuídas as fichas, no início da gira. São também vendidas velas, ervas e outros objetos usados no culto. Entre esse cômodo e o espaço em que o ritual é realizado há o assentamento para a esquerda e imagens de São Jorge. À esquerda desse espaço localiza-se o cruzeiro das almas e os médiuns, antes de entrarem para o culto, saúdam a casinha da esquerda, com os assentamentos de exu, pomba-gira e exu mirim do terreiro, em seguida saúdam o cruzeiro das almas.

Conforme referido acima, a esquerda possui como principal função a proteção e sustentação do terreiro. Além disso, são entidades que, ao contrário das demais, têm suas imagens, objetos rituais, etc. do lado de fora do templo, pois seu domínio é o da rua, das encruzilhadas, dos cemitérios, etc. Nada entra ou sai do terreiro sem a permissão da esquerda, eles também limpam e purificam aqueles que por ali passam.

O cruzeiro das almas é destinado aos espíritos perdidos, que não compreenderam ou aceitaram as leis divinas e, por isso, ficam vagando sem rumo certo. O desejo é que aquele ponto sirva de inspiração e conexão com uma força maior que os oriente.

Os rituais do terreiro acontecem às quartas-feiras, com início às dezenove e trinta. As pessoas que irão se consultar com os guias começam a chegar por volta das dezoito horas, pois há um sistema de fichas e tabela para organizar as consultas por ordem de chegada dos consulentes, que também podem escolher o guia com quem conversarão.

Enquanto o ritual não é aberto, os médiuns vão cantando e tocando pontos cantados, se preparando para a abertura da gira. A seguir é feita uma prece, pede-se pela saúde de algumas pessoas, pela alma dos falecidos e, de maneira geral, por quem precisa de proteção e para que quem veio buscar ajuda seja atendido. Cantam-se mais pontos cantados, é feita a saudação para as entidades da esquerda (exu, pomba-gira e exu mirim) e a defumação do terreiro e das pessoas.

Em cada dia há a incorporação de entidades de diversas linhas, mas apenas uma linha, que é definida previamente pelos guias do terreiro, permanece até o final atendendo todos da assistência. Antes das consultas é lido um texto explicando sobre alguma das entidades, normalmente aquela que atenderá a assistência ou sobre o orixá relacionado a ela.

Durante as consultas as pessoas recebem o “passe” das entidades e conversam sobre seus problemas. Cada guia tem uma maneira de lidar com os consulentes, mas de maneira geral, costumam prescrever banhos, chás ou remédios de ervas, além de pedirem para os consulentes acenderem velas.

A assistência é composta principalmente por pessoas que frequentam assiduamente o terreiro e, normalmente, costumam se consultar com as entidades de um mesmo médium, pois conhecem seus hábitos, adaptam-se a sua forma de trabalho e criam-se afinidades. Além de, é claro, sentirem-se confortados de alguma maneira. Alguns frequentadores relataram que, quando saem do templo, parecem outra pessoa, encontram-se mais leves, calmos e, naquele dia, têm uma ótima noite de sono. Há aqueles que reclamam, afirmando que apenas um dia por semana de trabalho é pouco, necessitariam de mais.

No entanto, o terreiro não funciona apenas uma vez por semana, os atendimentos ao público, ou seja, as giras abertas, como são chamadas, acontecem apenas às quartas, mas constantemente são abertos cursos de magia, ou de desenvolvimento que ocorrem nos demais dias da semana, fazendo com que Luciana e os médiuns estejam sempre envolvidos em atividades no templo.

Tais atividades, ainda que demandem energia e tempo, são realizadas com entusiasmo, porque são consideradas fundamentais para o bom andamento dos rituais, já que adquirir e promover o conhecimento é tão valorizado neste local.

3.2 Encantaria no Flecha de Ouro

Parece haver uma regra umbandista que impede que uma entidade de uma determinada linha fale a respeito de outras linhas. Dessa forma, quando eu comentava sobre a minha pesquisa durante as consultas, os espíritos não costumavam se alongar em descrições sobre os encantados.

De maneira geral, a reação que se repetia era a afirmação de que seria muito difícil, pois a encantaria envolve muito mistério. E me cantavam o seguinte o ponto cantado:

*“Encantaria é segredo,
mistério que ninguém sabe.
Quer descobrir o segredo
Vai lá nas ondas do mar.”*

Durante as consultas, os guias espirituais costumavam me orientar a procurar a dirigente do terreiro que poderia me indicar leituras a respeito da linha. Nota-se aqui, novamente, a valorização do conhecimento que está muito presente no terreiro. Eles também se dispunham a trabalhar para abençoar meu caminho e ampliar meu conhecimento. O Caboclo Flecha de Ouro, por exemplo, falou-me que estava muito satisfeito com a minha iniciativa e que sempre estarão dispostos a ensinar a quem quiser aprender. Disse que eu

procuro estudar aquilo que é mais difícil e se eu quisesse saber sobre os caboclos ele poderia dizer, mas pouco poderia falar sobre os encantados, que são um segredo.

O caboclo acrescentou que há a umbanda, a mesa branca, o candomblé e a encantaria, isto é, há um culto só dos encantados. No entanto, isso não quer dizer que eles (os encantados) não estão na umbanda, assim como os caboclos também trabalham na mesa branca e no candomblé, pois essas divisões são dos homens apenas. Contou que na umbanda é mais difícil encontrar os encantados, porque as pessoas não os conhecem e por isso os temem, acham que eles são muito agitados e difíceis de lidar, mas afirma que isso não seria bem a realidade.

Na maioria das vezes as entidades me davam alguma dica sobre como proceder para me aproximar e compreender os encantados, falavam, normalmente, para eu oferecer objetos ou velas das cores da preferência dos encantados. E me diziam que eu podia me dirigir diretamente a eles e fazer meus pedidos.

Nos vinte e nove meses de coleta de dados nesse terreiro, tive a oportunidade de participar de nove rituais em que a linha dos encantados foi incorporada nas giras públicas, de acordo com o cronograma estabelecido previamente no terreiro. Neles, conversei com quatro entidades: Herundina, Mariana, Jarina e Dina. Além desses rituais, muitas vezes os encantados foram incorporados sem que fossem esperados. No entanto, nessas ocasiões, geralmente não houve a oportunidade de consultá-los. Segundo os médiuns, são incorporados apenas para “segurar” a gira ou para lidar com casos graves de doença.

No entanto, nos cursos e iniciações essa linha sempre estava presente, mesmo se não houvesse sua incorporação, os médiuns normalmente faziam algum comentário a seu respeito, contavam histórias sobre sua relação com a linha e, mesmo os guias das outras linhas frequentemente se referiam à encantaria, seja por sua proximidade ou, ao contrário, pela falta de afinidade, e principalmente a encantada Herundina era comumente referida nas conversas.

De maneira geral, assim como as demais entidades da umbanda, os encantados são incorporados durante o ritual oferecendo aos consulentes os “passes”, conselhos e prescrições para os mais diversos tipos de problemas e aflições. No entanto, foi possível observar algumas diferenças entre essas entidades com relação às demais do panteão umbandista.

Primeiramente, na relação com os consulentes eles se mostraram mais objetivos em suas falas e, por vezes, são descritos como impacientes, ou mesmo mal educados, pois de acordo com os médiuns, estariam mais próximos da forma humana e, portanto, agiriam de maneira diferente, podendo até ser confundidos com o “cavalo”⁵.

⁵ O médium.

Durante o transe das demais entidades umbandistas, o médium assume determinadas posturas, ações e trejeitos característicos de cada espírito, como, por exemplo, no caso do transe de pretos velhos: ao serem incorporados, esses espíritos são facilmente reconhecidos por sua postura arcada, passos trêmulos, suas mãos logo procuram uma bengala ou algo para apoiar-se e sua fala é tranquila. Da mesma maneira, as demais entidades podem ser reconhecidas por seu comportamento típico, já no transe de encantados não é possível identificar tais trejeitos podendo haver confusão entre entidade e médium.

A partir disso, uma forma de identificar se o médium está incorporado por um encantado é observar sua postura corporal, o modo como interage com as pessoas e seus gestos. Se não há nada em seu comportamento que possa ser relacionado aos demais guias, se seu jeito e modos se assemelham aos do médium desincorporado, provavelmente se trata de um encantado, pois ele parece se mostrar ao não ser visto, mesmo quando há incorporação ele continua invisível.

Outra característica dos encantados que permite essa confusão é que podem circular pelo terreiro livremente e até preferem, durante os rituais, saírem do local reservado a incorporação e permanência das entidades para ter um contato mais próximo com os consulentes e/ou natureza. A leitura das etnografias sobre o tambor-de-mina no Pará e Maranhão mostrou que nesses contextos é comum “receber” os encantados fora do terreiro, e essa confusão em distinguir a entidade do médium também é recorrente.

Na umbanda, em geral, há uma série de rituais, tais como a defumação, que são realizados para garantir a limpeza e proteção do local em que as entidades serão incorporadas e, normalmente, indica-se que mesmo os médiuns que não estão em transe, mas auxiliando as entidades evitem sair da corrente, isto é, do local em que o culto está acontecendo. No entanto, os encantados, ao circular livremente pelo terreiro, diferenciam-se das demais entidades e se aproximam da encantaria do tambor-de-mina.

Os encantados contam que podem transitar livremente pelo terreiro porque são capazes de cuidar da “coroa”⁶ do médium, inclusive ao serem incorporados muitas vezes retiram o pano branco que cobre e protege a cabeça dos médiuns, pela mesma razão: afirmam que não há necessidade de tal proteção, pois estariam “*tomando conta do cavalo*”.

Além disso, nota-se na umbanda, principalmente em terreiros com uma maior influência kardecista, uma tendência em diminuir o uso de objetos e vestimentas rituais, porque, segundo essa crença, não haveria uma necessidade espiritual para tais usos, sendo que

⁶ Termo comum da umbanda se refere ao topo da cabeça do médium, associada ao contato com o mundo espiritual.

o apego a instrumentos materiais seria em decorrência da condição humana e, com a evolução do terreiro e médiuns, a utilização desses objetos diminuiria naturalmente. Entretanto, os encantados aparecem resgatando esses adereços rituais. As encantadas adoram joias, roupas e acessórios coloridos, bem como os encantados que podem possuir chapéus, lenços e outros objetos.

Esses objetos têm relação com a história das famílias ou linhas, animais ou elementos da natureza que são associados aos encantados, assim como ocorre no tambor-de-mina. As princesas, por exemplo, pedem colares, pulseira, anéis, brincos aos médiuns, segundo elas, porque utilizavam tais acessórios quando viviam na terra. Entretanto, enfatizam que para tais pedidos consideram as condições financeiras do médium, podendo utilizar bijuterias ou mesmo nada, se for o caso.

Assim como no tambor-de-mina, os encantados no culto umbandista podem se apresentar como animais. Além disso, no terreiro estudado, essas entidades podem ser incorporadas em qualquer linha, isto é, podem se apresentar como um caboclo, um cigano, ou qualquer outro espírito. Ou podem, ainda, apresentar-se como um encantado que não é um espírito, já que não morreram, mas encantaram-se permanecendo numa posição intermediária entre o plano material e espiritual, enfatizando o caráter plástico dessa linha.

Portanto, os encantados na umbanda se diferenciam das demais entidades e se relacionam à encantaria do tambor-de-mina quando se trata de sua expressão corporal, seus objetos rituais e história de suas origens (linhas, famílias). Além disso, muitos médiuns parecem não trabalhar com essa linha e os consulentes, em geral, desconhecem-na. Eles podem ser incorporados nas giras das mais variadas entidades, sendo que vários deles aparecem na gira de marinheiro, segundo os mesmos, por sua afinidade com o mar.

Considerando isso, acrescenta-se que, nos primeiros meses da pesquisa, durante as giras em que os encantados se faziam presentes, a grande maioria dos consulentes não percebia sua presença, pois no quadro que informava qual entidade seria incorporada na ocasião, constavam, normalmente, marinheiros; isso para, segundo a mãe-de-santo, evitar confusões desnecessárias por parte dos consulentes que teriam dificuldade em compreender as sutilezas e especificidades da encantaria.

No entanto, com o desenvolvimento da pesquisa, os encantados pareceram se tornar menos invisíveis nesse contexto, por exemplo, nos rituais em que seriam incorporados começaram a discriminá-los para a assistência. Na primeira vez que colocaram na lousa que haveria gira da encantaria, alguns consulentes ficaram bastante curiosos a respeito dessa “nova” linha e foram perguntar aos médiuns do que se tratava. Como esses médiuns não

sabiam muito bem como explicar sobre tais guias, apontaram-me e disseram que eu os pesquisava e podia conversar sobre eles. Algumas senhoras ficaram particularmente interessadas, disseram que deveriam ser os seres encantados dos livros, sacis, botos e que trariam seus familiares para conhecê-los, pois certamente iriam apreciar a “nova” linha. E na semana seguinte, em que a linha foi incorporada, houve a leitura do seguinte texto explicando suas principais características.

São soldados devotos aos reis de suas nações. Dificilmente trabalham em terreiros de umbanda dando consultas, pois são espíritos muito sinceros, guerreiros e sua franqueza pode incomodar os consulentes. Além de serem muito agitados e barulhentos. São amigos dos amigos, adoram cervejas e bebidas adocicadas. Na realidade, trazem o perfil guerreiro dos antigos Mouros, a simpatia e a magia do povo cigano, a alegria dos marinheiros e a cura pelas ervas dos caboclos. Cada encantado pertence a uma família dentro da linha da encantaria, como por exemplo: família de Mouros, de Ramos, do Lençol, do Codó, da Gama. E essas famílias têm o seu líder, seu orixá, sua cor, seu ponto de força, embora o orixá regente e sustentador dessa linha seja nossa Mãe Iemanjá. Seu maior ponto de força se concentra na praia do Lençol no Estado do Maranhão. Na verdade, a linha dos encantados maranhenses continua sendo um mistério para todos.

Ao conversar com algumas dessas entidades, elas se apresentaram como princesas turcas, referiram-se ao navio dos encantados que os leva à praia dos Lençóis e contaram que se encantaram em um animal.

3.3 Baião de princesas

*Alumiou
Tornou alumiar
Quem quiser que venha ver
A lua alumiar
Venho de tanto e tão longe
Venho de canto maior
Eu vim trazer o meu brinquedo
Na baía do Lençol
(Baião de Princesas)*

Antes mesmo de iniciar a coleta de dados no terreiro, recebi de meu orientador um Cd sobre encantados chamado Baião de Princesas (A BARCA, 2002), referindo-se à grande festa que ocorre em homenagem às entidades femininas, no período de dezembro, em São Luís do Maranhão, realizada pela Casa Fanti-Ashanti. Passava horas ouvindo-o repetidamente e foi através destas músicas que comecei a entrar em contato com o fantástico mundo dos invisíveis.

No Templo de Umbanda Flecha de Ouro, as entidades femininas também parecem ocupar lugar de destaque no panteão. Apresentarei a seguir algumas características das três princesas filhas de João de Barabaia e da Rainha Dina, que são incorporadas por médiuns mulheres do terreiro.

Herundina

A princesa mais velha, Herundina, incorpora na dirigente do terreiro, sendo uma de suas entidades guias. Algumas vezes ela se apresenta como cabocla e noutras como encantada, causando certa confusão. Segundo Luciana, tratar-se-ia da mesma entidade, mas ela relata sentir diferença durante a incorporação, que pode ser mais leve ou mais pesada, dependendo da linha em que a entidade incorpora.

Quando irá incorporar a encantada, Luciana conta que sente seu dia mais complicado, mais agitado e falta-lhe o ar. Diz que aparece um monte de coisas para fazer, que fica tudo atropelado e no fim do dia tudo se resolve. Durante a incorporação, relata que sente uma tontura, “*um balanço estranho na cabeça*”, que acredita ser próprio da vibração aquática deles, do mar, e que se assemelha à incorporação dos marinheiros da umbanda.

Luciana conta que não sabe muito a respeito de sua encantada, apenas que ela é da família dos mouros, família de soldados, é uma guerreira, trabalha com espada e tem temperamento forte. Ela é quem dá as ordens, comanda o grupo, tem “*pavio curto*” e “*sangue*

quente”. Por essas características, acredita que possui alguma relação com o orixá Ogum, que também é guerreiro, costuma utilizar espadas em seu trabalho e é responsável pela ordem. No entanto, diz que tal relação nunca foi explicitada pela encantada. No período final desta pesquisa, durante uma gira de encantaria, Herundina contou que seus orixás são Ogum e Egunitá.

Além disso, Luciana conta que a entidade se encantou numa águia, no Pará, onde costuma ser confundida com pomba-gira por seu gosto por cores quentes como o vermelho e o laranja. Possui uma vasta coleção de taças que ganha das pessoas, lenços e moedas. Gosta de beber cerveja quente e costuma trabalhar em auxílio de espíritos perdidos, sem luz. Ela os doutrina e encaminha suas almas para o local que lhes é destinado, trabalha também em “*desencarnes coletivos*”, Luciana conta que quando há grandes catástrofes, guerras, principalmente no Oriente, perto de seu país de origem (Turquia), ela fica mais afastada do terreiro, pois fica muito ocupada no resgate dessas almas.

Segundo a dirigente, essa entidade é muito reservada e não gosta de falar a respeito de si. Luciana diz que em certa ocasião encontrou uma matéria na internet que falava a respeito de sua encantada, mas era sua irmã Mariana que falava sobre ela e dizia apenas: “*essa é a minha irmã, mas ela não quer que fale sobre ela*”.

Considerando essas características da encantada, Luciana ressalta que ela não gosta de se expor e me avisa que será muito difícil conseguir falar com ela. Relata uma festa realizada na praia para Iemanjá em que a encantada estava incorporada e um tio da dirigente pediu para tirar uma foto dela. Ela respondeu que não queria e se tirasse não sairia. Durante a festa o tio acabou tirando uma foto da encantada, mas quando foi revelar, todo o filme estava estragado. Assim, Luciana me alerta que, sem a permissão de sua encantada, o “filme queima”.

Ao conversar com outros encantados da casa, ao solicitar autorização para tirar fotos e gravar os rituais dos encantados, eles disseram que seria necessário pedir a autorização da entidade guia da casa (encantada que incorpora na dirigente). Assim, fiquei atenta aos rituais na espera que a encantada incorporasse para pedir sua permissão para realizar a pesquisa.

Foram poucas às vezes em que tive a oportunidade de vê-la incorporar durante as giras abertas ao público em geral. Em todas as ocasiões pedi para que perguntassem a ela se poderia conversar um pouco comigo, sempre ficava até o final na esperança de conseguir me apresentar e falar sobre a pesquisa, mas no último momento, falavam-me que ela infelizmente não poderia me atender, pois, geralmente, havia casos urgentes de problemas de saúde em que ela estava trabalhando. Em um desses dias, segundo ela, acabou me recebendo bem no

finalzinho do ritual, sem que eu pudesse me estender muito na conversa, apenas para não me deixar mais uma vez esperando.

Ela era expansiva em seus gestos, falava alto e todos pareciam muito animados com a sua presença. A princípio foi bastante solícita, perguntou como poderia me ajudar e eu falei da pesquisa. Perguntei-lhe se eu poderia gravar os pontos cantados dos encantados, ao que ela respondeu negativamente. Perguntei se poderia tirar fotos deles, novamente ela disse que não. Ela me disse que se sentia mal por dizer dois “não” seguidos, mas que eram seus superiores que não autorizavam e ela não podia ir contra eles. Combinamos então de conversar mais em outra oportunidade. Ela falou para eu escolher uma fruta de uma cesta com diversos tipos e disse para eu comer em minha casa pedindo para que sonhasse com encantados e quando conversássemos em outra ocasião partiríamos do meu sonho.

Dezessete meses após os primeiros contatos com o terreiro consegui conversar mais longamente com a encantada, o período coincidiu com um momento de maior aproximação minha com o terreiro e com a dirigente, estava fazendo dois cursos e, com o convívio, conquistei um pouco mais de confiança dos médiuns e guias. Acredito que isso ajudou na aproximação com a encantada, que me recebeu de forma bastante acolhedora.

Nesse dia, já quando fui pegar uma ficha para a consulta, notei que havia algo diferente. Enquanto nas vezes anteriores, quando eu perguntava se a encantada seria incorporada, se haveria a possibilidade de conversarmos, as respostas eram inseguras, não sabiam dizer se ela incorporaria e mesmo que ela se fizesse presente, informavam-me que dificilmente me atenderia, nessa ocasião disseram-me que era certeza que a encantada viria e não tive dificuldades para falar com ela. Apenas me pediram para consultar após uma moça que estava com muita dor.

Herundina estava toda vestida de azul, uma saia longa e blusa azul claro, um lenço azul marinho amarrado na cintura e lenços, num tom de azul intermediário, amarrados nos pulsos. Ao ser incorporada foi logo pedindo que os médiuns se apressassem, orientou-os para que aqueles que não tivessem encantados incorporassem os marinheiros da umbanda e foi cantando os pontos para a descida das entidades.

Durante a consulta falei sobre os sonhos que tive com os encantados, ela me olhava com entusiasmo, como se me acompanhasse durante a narrativa. Conforme eu ia contando, dava-me algumas explicações sobre as imagens que eu relatava. Sobre uma imagem que vi em sonho em que os encantados apareciam assumindo diferentes formas, dentro de uma espécie de círculo em que nas bordas dobrava-se o nada e todas as possibilidades, disse que os

encantados ficam entre o plano etéreo e o material, nem lá nem cá, fazendo a ligação de ambos, por isso podem ter corpo ou não.

Em outro sonho, contei que estive numa mata muito fechada, com plantas imensas que pareciam tocar o céu e vi seres com a pele azulada que não pareceram felizes com a minha presença. Ela disse que se tratava da mata de Codó e os seres que lá habitam são encantados que quase nunca incorporam, *“são muito fechados nos mistérios deles”*. Ao contrário dos turcos, portugueses, espanhóis, etc, que se espalharam e *“viram”* (como ela diz) nos médiuns do tambor-de-mina e da umbanda. *“Os encantados da linha de Codó são guerreiros ariscos”*.

Contou-me também a respeito das linhas da encantaria, que são como as linhas da umbanda. Os encantados obedecem às ordens de Iemanjá, mas cada um se relaciona a um determinado orixá e trabalha num campo de ação. As entidades são agrupadas em linhas por possuírem *“energias afins”*. Por exemplo, a linha dos mouros é uma linha de guerreiros, a linha do lençol, também são espíritos guerreiros, mas são mais doces e tranquilos, *“os da linha de Ramos são grandes curadores, trabalham mais com a cura espiritual das pessoas, que é onde trabalha a Mariana”*.

Sobre a relação com a médium, conta que não são parecidas, mas possuem a mesma *“energia de guerra”*, foi a bravura da médium, segundo a encantada, que a atraiu. Segundo ela, ambas possuem uma mesma responsabilidade e coragem para ajudar ao próximo. Antes de incorporar na dirigente, a encantada relata que incorporava num homem em outro terreiro. Este terreiro, a Fraternidade de Umbanda Pai Jacinto de Aruanda, fica em São Paulo, *“aquela terra grande, com muitas máquinas”* e, segundo a encantada, mistura o tambor-de-mina com a umbanda, sendo mais encantaria do que umbanda. Ele era frequentado pela *“menina da Mariana”*, a Sônia, que atualmente é médium do Templo de Umbanda Flecha de Ouro.

A encantada diz que trabalhou por muitos anos nesse terreiro e, quando o seu cavalo foi adoecendo, começou a trabalhar com a Luciana. Por um período de uns dois anos, a encantada incorporava na dirigente, mas continuava acompanhando o senhor que a recebia anteriormente. Entretanto, não incorporava mais nele por, segundo ela, sua energia ser muito densa, *“pra não judiar muito da matéria”*, apenas ficava por perto dando assistência espiritual, até ele desencarnar.

Quando começou a incorporar na dirigente Luciana vinha na linha dos ciganos. Conta que dessa forma era mais fácil ser aceita na Casa. Luciana tinha 14 anos de idade e, nessa época, não se ouvia falar em encantaria, segundo a entidade, *“se falasse de encantaria você era apedrejado”*, portanto, seria complicado se apresentar como uma encantada.

Depois de vários anos trabalhando nessa Casa reencontrou Sônia, que ao vê-la logo a reconheceu como a entidade que a aconselhava no seu antigo terreiro. No entanto, ao questioná-la sobre isso, a encantada lhe afirmou que não podia falar naquele momento, porque ainda estava preparando a Casa para a encantaria trabalhar.

Herundina contou que aos poucos foi ganhando a confiança da dirigente e ela a sua, pois sabia que naquela Casa não seria “*usada pra nenhuma maldade*” e também não usaria seu cavalo de forma negativa, pois ela (a dirigente) não permitiria. Assim foi contando o que estava acontecendo, explicando sobre a encantaria, aos poucos e só depois de ser bem aceita e acreditarem nela.

Quando pergunto sobre esse receio que os médiuns têm com a encantaria, respondo-me que

Não é receio, é que tudo o que vocês não conhecem, têm medo. Quando vocês passam a conhecer, perde-se o medo, é que a gente é meio bocudo. Então, eles têm medo que a gente ofenda, fale alguma coisa que a pessoa não gosta. Então, o receio maior é esse. Mas como eu falo, eu não preciso agradar ninguém, não é verdade? Eu não vou agradar você pelos seus lindos olhos azuis, não é? A gente vai falar o que precisa ser falado... Se vocês fizessem mais o que vocês gostam de verdade e agissem como vocês são no íntimo de vocês tinham muito menos problema. Porque vocês tentam muito agradar aos outros e se desagradam, esse é o problema da humanidade e das tristezas profundas que vocês têm, não é? Não tem que agradar aos outros, agrade você, sem pisar em ninguém, sem ofender ninguém, mas você agrade a você primeiro, senão você não vai agradar ninguém nunca, porque você é infeliz, não é?

Os encantados parecem ter, acima de tudo, um compromisso com a verdade, durante as consultas são diretos e esse jeito de lidarem com as questões sem rodeios e tratarem de aspectos cruciais de forma simples e clara, apesar de no princípio assustar os consulentes, faz com que sejam muito queridos pela comunidade. Eles sempre recebem muitos presentes, os consulentes e médiuns se referem a eles com muito afeto e gratidão, pois apesar de às vezes serem rígidos, são justos, não amenizam a situação e são eficazes na resolução dos problemas, embora algumas vezes a solução não ocorra da forma imaginada.

Certa vez, Herundina disse para eu colocar em minha pesquisa algo que havia ocorrido recentemente. Uma das médiuns havia lhe pedido que não deixasse seu filho “*ir atrás das drogas*”. A encantada enfatizou algo que costuma dizer aos seus filhos: “*cuidado com aquilo que vocês me pedem, porque vocês podem ter seu desejo realizado*”, e nesse caso, ela contou que a forma que conseguiu de evitar que o garoto se drogasse foi causando um acidente de carro. Ainda que a encantada tenha relatado ter “segurado” o rapaz, evitando que ele se ferisse gravemente, não foi exatamente aquilo que a médium esperava.

Assim como as demais entidades do panteão umbandista, os encantados são associados à caridade, mas sua forma de trabalho pode se diferenciar da dos demais guias, por ser mais rápida. Talvez por serem impacientes, podem agir de maneiras que não são esperadas para atingir o resultado desejado.

Ela contou-me também que costuma trabalhar mais com questões financeiras, *“tudo que é ligado ao trabalho, prosperidade, ou mesmo a desobsessão. Eu trabalho muito nas magias negativas, cortando as magias negativas e na parte financeira”*. E autorizou-me a escrever no meu trabalho os pontos cantados, ou cantigas de encantados como ela os chama.

Assim como ela se inseriu aos poucos nesse terreiro, eu também fui conquistando sua confiança aos poucos e ela foi se revelando para a pesquisa lentamente. Depois de 21 meses de coleta de dados, obtive sua autorização para tirar fotos e gravar em vídeo uma gira de encantaria, expliquei-lhe que gostaria de produzir um documentário a partir das gravações. Após disponibilizar o DVD com o documentário para o terreiro, obtive como resposta da encantada que, no início da minha pesquisa, ela tinha muito medo que eu distorcesse suas palavras e mostrasse os encantados de uma forma equivocada. Disse que se eu procedesse dessa forma ela não permitiria que eu mostrasse os resultados do meu estudo para ninguém e falaria que estava tudo uma “bosta”. Como, em sua opinião, eu tive uma atitude muito respeitosa, fiz um trabalho sério e de coração, além de ser fiel ao que vivenciei naquela Casa, agradeceu-me e disse que eu poderia e deveria divulgar o meu trabalho sobre eles, pois estava “tudo certo” e que poderia utilizar o nome dos encantados em meu trabalho, o que até então eu não havia obtido autorização.

Assim, o que me foi revelado devolvi aos médiuns e guias, através de conversas informais, da leitura conjunta do meu texto e da apresentação do vídeo. Dessa forma, possibilita-se um caminho de ida e volta do que apreendi.

Além disso, com o consentimento e incentivo da encantada, complementa este trabalho o documentário “Encantaria na umbanda” desenvolvido a partir das gravações realizadas nesse terreiro e no Ilê de Xangô Kao de Mãe Tayanna, onde conheci os encantados e me encantei por suas histórias.

Mariana

A princesa Mariana é a encantada que incorpora na médium Sônia, gosta de conversar e quando lhe pergunto sobre sua história, canta: “*quem não viu venha ver, a bela turca vai guiar*”. Tal como descrita na literatura, Mariana aparece como uma figura de fundamental importância, porta-voz da encantaria (PRANDI, 2005), guiando-me pelo mundo encantado.

Ela é da família de Ramos e conta:

cada um de nós é de uma família, né? Como vocês aqui na Terra, só que nós viemos naqueles navios grandes, de lá da Turquia, daquelas cidades lá. Nós viemos pra cá, aportamos no Maranhão, Belém do Pará, então a gente é tudo de lá... eu tenho um navio lá e no dia 31 de dezembro, à meia-noite, é onde nós nos transformamos em humanos, à meia noite! Então, o meu navio, quem tiver lá, muitos vão ver um navio passando com todos os marinheiros, todos os encantados.

Quando pergunto como começou a trabalhar na umbanda, ela me explica que houve muitos filhos que “*foram procurar*”, entre eles o antigo pai-de-santo de Sônia, que foi desenvolvido por Francelino de Xapanã, ele “*foi feito lá no Maranhão, Belém do Pará, então foi ele que começou a trazer nós encantados pra cá, São Paulo, né?... e cada um dos encantados foi distribuído para aqueles que teriam que trabalhar com a encantaria*”. E acrescenta que não são todos os médiuns que trabalham com a encantaria, porque “*tem coroa que está aberta para trabalhar com encantaria e tem coroa que não está aberta para trabalhar com encantaria, mas só com Iemanjá*”.

Além disso, segundo Mariana, os encantados se adaptam para poderem trabalhar em conjunto com qualquer outra linha da umbanda e ela, que se encantou no mar, gosta de trabalhar mais na linha dos marinheiros.

É marinheira de bordo

Agulha de mariá

Quem quiser ver Mariana

Vai lá na onda do mar

(Cantiga de Mariana)

Ela se encantou em uma arara

Ê arara, arara cantadeira, arara rainha das curandeiras

Arara, arara cantadeira, arara ela vem é do ararauê

Mas ela vem é do ararauá

(Cantiga de Mariana)

Diz que se encantar num animal “*é uma coisa própria das nossas, da própria encantaria, é resolvido lá, quando a gente tá lá, quando a gente decide, tudo é decidido lá com as outras entidades*”. Acrescenta que é do tempo dos reis, de D. João, época em que se usava espartilho e outras coisas bonitas. E os encantados são “*reis, rainhas, geralmente, mas tem muitos que não. Tem muitos que se transformam, escolhem uma família aí, ou quero pertencer àquela família, quero me transformar em tal animal e daquela família*”. Novamente a questão das possibilidades é enfatizada, pode ser um príncipe, uma rainha, ou não. Não há regras rígidas, qualquer um potencialmente pode se encantar.

Como parece não haver uma regra clara sobre o “encantar-se”, peço para Mariana falar mais a respeito do que envolve o “se encantar” e ela diz: “*É para você ver como o nosso Pai dá várias, um leque de opções, para as pessoas tentarem melhorar*”. Assim, os encantados seriam como uma “prova” de que Deus nos dá muitas oportunidades.

Ela conta:

como nós nascemos, vivemos e nos encantamos, nós não morremos. Então, nós gostamos de estar com as coisas aqui da Terra, tanto é que você vai estranhar porque o encantado... pode sair lá fora e participar de uma conversa normal, tem gente que nem vai perceber que é um encantado, porque nós somos muito próximos de vocês aqui da Terra, porque nós nos encantamos... isso é como se fosse assim, é.. uma decisão nossa, né? Na linha da encantaria. A gente nasce, a gente cresce e a gente se transforma, a gente não quer ir totalmente pro lado de lá. Então a gente fica aqui e lá, entendeu? Porque os caboclos, os pretos velhos, normalmente eles ficam pro lado de lá. Não vou dizer que não tem encantado também caboclo, tem também... tem encantados caboclos também, de pena a gente fala, mas eles podem vir numa gira normal e ninguém nem vai perceber. Necessariamente a gente não precisa falar, entendeu? ... Porque às vezes o filho não aceita, ou às vezes para a compreensão de muita gente é difícil.

Nas palavras de Mariana reaparece a característica dos encantados serem invisíveis se assim for preciso, isto é, eles podem trabalhar na umbanda, mas não se revelarem como encantados. Eles apenas se mostram quando consideram que serão compreendidos. Também

durante meu trabalho de campo pude perceber que a encantaria só se revela para aqueles filhos que estariam, em sua concepção, preparados para acreditar neles. Conforme explicitiei no capítulo sobre método, foi necessário ocupar o lugar de filha da casa para me aproximar dessa linha.

Sobre o desenvolvimento na encantaria, Mariana diz ser diferente porque, *“como a gente gira muito na coroa do filho, a gente toma muito conta da coroa do filho, então o filho muitas vezes se sente mal, em tumulto, em muita gente assim”*. E quando pergunto se a incorporação também seria diferente, Mariana responde que *“é quase, é pouca, não é tão diferente, não é tão diferente assim a incorporação. É mais ou menos igual. É mais ou menos igual, quem está acostumado com a encantaria vai perceber que é diferente”* (grifo meu). As diferenças na incorporação de encantados com relação às demais entidades da umbanda pareceram ser bastante sutis. Segundo Mariana, é necessário estar acostumado para senti-las, e não foi possível para os médiuns fazer uma descrição a respeito. Quando os questionava sobre o assunto, ora diziam-me que era diferente, ora relatavam que era muito semelhante às incorporações de espíritos e não conseguiram me explicar de que maneira é diferente.

Sobre a relação com Sônia:

Olha, Minha filha, foi lá, que nem eu te falei, foi lá em São Paulo, começou lá. Ela era umbanda, totalmente umbanda. Era medrosa pra tudo, ela entrava no centro já dava tremedeira nela. O pai-de-santo olhava pra ela já ficava tremendo. Então, um dia ela chegou a me ver trabalhando na cabeça do pai-de-santo lá. E eu tava lá e coloquei todos os filhos pra fazer teste e coloquei ela também ali. Eu pedi pra que cada encantado incorporasse e fosse riscar o seu ponto. A minha filha lá em São Paulo, ela trabalhava mais com o marinheiro que é o Juliano e também é encantado. Então, ele foi coroado lá. Ele pediu pra ser coroado lá naquele terreiro, mas até então, ela pensava que era um marinheiro normal. Eu quase não vinha na cabeça dela, eu vinha mais na cabeça do pai de santo. Quando ela me viu falando, ela me achou muito estúpida, ela pensou e não falou: “nossa que guia estúpido!”. E quando eu chamei ela que todo mundo ia embora, eu fui lá e falei pra ela: “esse guia estúpido vai trabalhar na sua cabeça”. Ela quase morreu, porque ela não comentou com ninguém, foi aquilo de momento, né? Então, lá ela começou a trabalhar com o Juliano. Então, ele começou a vir na linha dos marinheiros de Iemanjá, pra depois ela saber que ele era encantado. Então, ele deu a música dele, riscou o ponto dele. Ele pediu a guia dele que é essa daqui. Então, ela não conhecia nada disso, então para ela era uma coisa de outro mundo. Ela morria de medo da encantaria. Porque... é, que nem a gente fala, a gente é muito assim: ninguém segura a gente, você entendeu? Porque às vezes o médium ele tá aqui. Então, ele dá uma certa interferência, tem filho que interfere no trabalho, às vezes ele não ajuda, ele atrapalha, pelo medo, pela insegurança, porque normalmente vocês têm mesmo, os médiuns têm mesmo. O encantado já não, se ele quiser fazer alguma coisa ele faz e acabou, entendeu? Se ele vai falar alguma coisa pra alguém, mesmo que aquilo for, é... “ah, a pessoa vai ficar chateada”. A pessoa ou você vai gostar do encantado ou vai detestar o encantado. Eu posso, qualquer encantado

pode incorporar na cabeça de qualquer um aqui que quiser. Os encantados eles não avisam, eles não preparam, eles vêm e pronto. É isso que dá aquele impacto nas pessoas e nos médiuns também... Então, normalmente os filhos que a gente escolhe, por isso que a gente procura ficar sempre com aquele, a não ser que o filho da gente desencarne, aí a gente vai escolher outra pessoa, mas normalmente a gente procura ficar com aquele filho, porque eu ia na cabeça do pai de santo lá, mas eu não era a encantada chefe dele... então cada um de nós vai escolher. Porque é um resgate que a gente tem de vidas passadas, entendeu? Não quer dizer que, ela [referindo-se à Sônia] pode ter vivido naquela época que eu vivi, eu fiz alguma coisa pra ela, deixei de ajudar em alguma coisa. Então, a gente tem de vir ajudar também, é o preço que a gente paga de se encantar, é a mesma coisa vocês quando pedem para o Pai para reencarnar: “Ah, eu quero vir de novo, ou não quero vir nunca mais!”.

Mariana é bastante atenciosa e respondeu a todas as minhas perguntas, seu jeito de falar e se mover é firme, seus gestos fortes, mas em nenhum momento ela foi ríspida comigo, apenas procurava ser direta e clara. Conversamos por quase meia hora, mas como havia outros consulentes esperando para tomar passe, uma das médiuns solicitou que nos apressássemos, por isso encerramos a conversa, mas a impressão com que fiquei foi a de que havia muito ainda a ser dito.

Jarina

A irmã mais nova diz que é da família de Ramos, uma sereia que às vezes se transforma em um tubarão. Encantou-se em um tubarão, segundo ela, por esse animal lhe chamar atenção, por se identificar com ele. Cada encantado, segundo ela, escolheria um animal para continuar sua evolução. Conta que onde há por perto uma maior concentração de tubarões, sua energia se multiplica. Gosta de trabalhar com a água do mar, ou qualquer outro líquido e não costuma trabalhar com ervas.

Além disso, utiliza em seus trabalhos a fumaça do cigarro e a bebida. Diz que, quando o consulente bebe a cerveja ou quando ela sopra a fumaça do cigarro na pessoa, pode ver melhor onde se localiza o seu problema. Costuma lidar muito com questões de saúde, principalmente “doenças da cabeça” ou psicológicas, mas auxilia os consulentes em diversas áreas, na busca de um emprego, de harmonia, prosperidade, etc.

Jarina conta que gosta de cerveja quente. Comento que normalmente se toma a bebida gelada e ela diz que os encantados são diferentes de tudo. Além disso, gosta de se enfeitar, porque,

quando era princesa, vivia cercada por “ *muito ouro, muita prata, muito luxo* ” e os encantados, ao serem são incorporados, gostam de ter as mesmas coisas. Diz que ela e suas irmãs eram “*meio rebeldes*” e não gostavam de viver como viviam, queriam ter mais liberdade e, com a morte de seu pai, tudo ficou mais difícil e resolveram se encantar. Comenta que seu pai não se encantou, mas também é encantado e quando pergunto a respeito disso, se também há encantados que morreram, ela responde que “*sim, mas isso... são outras histórias... é porque tem coisa, filha, que não podemos revelar. Então, não tem como falar pra você como foi exatamente*”.

Quando pergunto sobre o início de seu trabalho com a umbanda, ela me diz que isso “*faz muitos e muitos milhares de anos, na época onde existiam reis, na época da inquisição*”. Percebe-se aqui claramente que a relação dessas entidades com o tempo é outra, é como nas histórias de contos de fadas em que os acontecimentos se dão em um reino encantado muito distante, num passado remoto.

Sobre a relação com a médium, como a conheceu, conta:

Na verdade quando se nasce já se nasce com o orixá de cada qual, não é que eu vim visitar esse terreiro, gostei dessa médium e resolvi ficar com ela, não é assim. Então, quando nasce, antes mesmo de nascer, o espírito é preparado para o que vai acontecer durante a vida.

No entanto, a encantada também diz que há escolhas: “*Nós escolhemos, mas escolhemos de acordo com aquilo que já vem das nossas crenças, das nossas culturas, os orixás que andavam com a gente, não sei se você me entende.*”

Jarina possuía um sotaque diferente, seus gestos eram suaves. Ela procurava responder às minhas perguntas, explicar-me da maneira mais compreensível que podia, mas ao mesmo tempo parecia receosa, temia falar demais. Quando encerramos a conversa e perguntei se ela gostaria de acrescentar algo, diz: “*Acho que já está bom, né, filha? Senão vou falar muito, vou falar o que não pode...*” Durante a conversa, procurei ficar o tempo todo atenta, procurando assimilar tudo o que me era dito, mas a impressão que tinha era de que o fundamental não podia ser dito, de que algo sempre escapava.

Rainha Dina

Ao ser incorporada, a Rainha Dina veste-se como tal. Um manto bordô com detalhes em dourado e diversos acessórios. Chama a atenção dos consulentes, reverberam pelo salão

exclamações sobre a beleza de sua “médium”. A encantada, invisível, mostra-se ao enfeitar a médium e encantar a assistência.

Dina, da linha de Oxum, rainha da Grécia, faz questão de me mostrar sua nova pulseira que acabara de ganhar. E parece reprovar o meu corte de cabelo, diz que estava muito comprido, escondendo meu rosto.

A encantada diz que é da mesma família que a encantada guia da casa e gosta muito de porcos, embora não seja encantada num porco. E, além disso, não poderia falar, se eu quisesse saber mais poderia procurar na internet sobre ela.

No entanto, ao contar sobre um sonho que tive, ela comentou que viveu no Maranhão, que os encantados são de lá e pergunta se eu quero sonhar com eles. Diante da minha afirmativa, ela pôs as mãos na minha cabeça fazendo um movimento como se estivesse abrindo-a. A seguir, perguntou se eu tinha visto algo, falei que não, mas que tinha sentido um peso na cabeça e depois nos braços. Ela conta que, quando abriu minha cabeça, viu o navio dos encantados e que o peso podia ser do navio, acrescentando que é muito complicado para os médiuns porque a encantaria é muito forte e quando vem é de uma vez.

Apesar de ter dito que não poderia mais falar de si, Dina acrescenta novos elementos quando lhe revelo meu sonho. Ela me sugere que corte um pouco o cabelo, que me esconda menos. Os encantados parecem, portanto, aproximarem-se mais de mim, quanto mais me aproximo do terreiro e dos médiuns.

3.4 “Quer conhecer o mistério, vai pras ondas do mar”

Desde o início da pesquisa de campo, parece ter se imposto diante de mim uma condição para desvelar os segredos da encantaria: “*ir pras ondas do mar*”. Mas quais sentidos estariam por trás desse ponto cantado?

O mar, nesse contexto, possui múltiplos significados, há histórias sobre incríveis cidades submarinas, sereias que encantam e levam os marinheiros desavisados para o seu mundo. Ele também pode guardar grandes tesouros, navios naufragados, fartura em pesca e a possibilidade de descoberta de “novos mundos”.

Como o mar, os encantados são ambíguos, fascinantes por um lado, com sua beleza, histórias fantásticas, trazendo “novos mundos”, uma encantaria onde tudo é possível. Por outro, assustam por não se saber o que pode vir deles. Não há controle possível sobre o mar, é necessário viajar a favor do vento e ao sabor das ondas.

Herundina me disse que, sozinha nas ondas do mar, eu estaria perdida, não entenderia nada sobre os encantados. Portanto, fica implícito que é necessária a benção e companhia dos encantados para navegar em suas águas.

Em parte, resolvi me iniciar na umbanda para me aprofundar nos sentidos da pesquisa. Ao perguntar para um erê, por exemplo, (no período da minha iniciação científica) sobre como poderia entender melhor sobre a linha das crianças, obtive como resposta que não era perguntando, mas sentindo. Também a orientação do Caboclo Flecha de Ouro se referia à busca de diferentes maneiras para conhecer os encantados. De forma geral, os guias ensinam que não se deve separar a “cabeça” (mente, conceitos, conhecimento) do “coração”, aquilo que sentimos, nossas emoções. Herundina me disse que ao dizer sobre minha intenção de estudar os encantados ficou muito preocupada, pois, segundo ela, pode-se até explicar um pouco sobre os caboclos, sobre os baianos, sobre os exus, mas não é possível explicar sobre encantados, mas apenas senti-los.

Assim, no intuito de proceder conforme os guias me orientavam, deixando o “campo” me guiar e também por estar aberta a novas vivências, permiti-me sentir o que era relatado pelos médiuns, as chamadas vibrações que até então era um conceito distante e vazio para mim.

No entanto, essa não foi uma tarefa fácil, costumo dizer que não há um botão que podemos ligar e desligar a mediunidade, por isso, a princípio, tive bastante receio e não consegui me “soltar” como os guias e Luciana diziam-me durante as iniciações.

Há na umbanda um ponto cantado que diz: “*pisa na umbanda, mas pisa devagar, firma o pensamento, que é para não tombar*” e passo a passo, buscando firmeza, concentrando-me nos pontos cantados e “soltando” o corpo, as preocupações e inseguranças, fui vivenciando cada nova iniciação.

Assim, para entrar em contato com o mundo dos invisíveis, tive primeiro que encontrá-los em mim, assim como em minha conversa com Dina foi necessário “*abrir minha cabeça*”, como fez a encantada com seus gestos, para a possibilidade do novo, do surreal.

Um mergulho nas águas de Iemanjá... é impossível descrever fielmente tal encontro, assim como a mais oculta das linhas, desenvolver-se na umbanda é da ordem do poético, do mistério e do inefável. No entanto tentarei fazer uma breve descrição do que vivenciei nos rituais de iniciação.

Como nas demais giras, iniciávamos sempre saudando a esquerda. Canta-se primeiro para os exus

*“Deu um clarão na encruzilhada
E no clarão surgiu uma gargalhada
Não era o Sol, nem era a lua
O que brilhava era o mestre Tranca Rua”
(ponto cantado de exu)*

O Exu Tranca Rua é um dos mestres guardiões desse terreiro. Ele fica nas porteiras, abre e tranca os caminhos, por isso “*sem exu ninguém faz nada*” (trecho de ponto cantado de exu). E foi um exu que, percebendo minha dificuldade para me despir de preocupações e medos, me ajudou abrindo os caminhos do meu desenvolvimento.

Na gira de desenvolvimento, enquanto a maioria dos integrantes do grupo de iniciação gargalhavam já incorporados por seus exus, eu tentava me esconder num canto e passar despercebida quando um dos exus me chamou para perto de si. Ele me disse que o trabalho naquele dia era direcionado para os iniciantes darem passagem para a esquerda, isto é, os médiuns incorporavam seus exus e pombas-giras para serem “descarregados”, para uma limpeza profunda de tudo que estivesse atrapalhando os caminhos, para garantir o bom andamento das demais iniciações.

Nesse momento, acredito que era eu mesma, com meus medos, que atrapalhava os meus caminhos e o exu, ao perceber isso, me explicou sobre as inseguranças comuns ao desenvolvimento na umbanda. Ele disse que é comum os médiuns, principalmente em desenvolvimento, não conseguirem discernir com clareza suas próprias sensações das

vibrações resultantes da aproximação dos guias. Acrescentou que o questionamento a respeito da incorporação de espíritos é importante inclusive para os médiuns mais experientes, para evitar confusões entre opiniões do médium e as orientações espirituais. Dito de outra forma, o médium precisa ter “firmeza” para não deixar que suas inquietações e julgamentos interfiram no momento da gira, especialmente durante as consultas.

Nesse ponto, é possível estabelecer um paralelo entre a postura dos médiuns diante da assistência e do analista numa intervenção psicológica, pois é necessário que ambos se dispam de memórias e desejos para o bom andamento da “consulta”.

Aliás, em muitos momentos o desenvolvimento mediúnico se assemelha a outras práticas espirituais e, por que não dizer, a práticas analíticas. Por exemplo, parte do trabalho do exu para liberar meu desenvolvimento foi me ajudar a entrar em contato com a minha pomba-gira, a minha mulher. No processo de individuação proposto por Jung (2002), o encontro com o arquétipo anima tem um papel fundamental possibilitando a integração de aspectos femininos, importantes na busca do si mesmo – o self.

Embora seja possível estabelecer tais diálogos (entre a umbanda e a psicologia) é imprescindível ressaltar que, para vivenciar ou “vibrar a pomba-gira”, não é preciso conhecer o conceito de anima e nem se pode reduzir qualquer guia a conceituações ou arquétipos.

Também durante as saudações iniciais, nas giras de desenvolvimento, a pomba-gira tem grande importância, sendo o segundo guia a ser saudado:

*Dona pomba-gira leva o que tem pra levar
Leva as minhas quizilas, leva pro fundo do mar
(ponto cantado de pomba-gira)*

“Se sem exu ninguém faz nada” a pomba-gira⁷ é a dona da casa de exu - “Pra que Exu quer casa? Pomba-Gira mora nela” – ela é associada pelos médiuns desse terreiro ao movimento e dinamismos que possibilitam as ações do exu.

*...rodeia, rodeia, pombas-giras rodeia.
(ponto cantado de pomba-gira)*

Os movimentos de sua saia, de seu quadril impulsionam, portanto, os trabalhos da esquerda que também conta com a atuação dos exus mirins.

⁷ Para saber mais sobre os pomba gira consultar Barros (2010).

Boa noite gente, como vai? Como passou?
Exu mirim é pequenininho, mas é bom trabalhador
 (ponto cantado de exu mirim)

Os pequenos também são fundamentais nas iniciações. Os exus mirins, explica-me a dirigente, muitas vezes buscam, nos lugares mais sombrios, a demanda que nenhum outro guia pôde encontrar⁸.

Nos rituais de iniciação, canta-se também para o orixá Ogum que, segundo a orientação adotada por este terreiro, é aquele que comanda a esquerda.

Magia, magia que faz o meu corpo tremer
Magia, magia que chega em silêncio sem a gente ver
É o Senhor Ogum
É o rei da magia que vem nos socorrer
É o Senhor Ogum
Quem vence a magia é Ogum Naruê, Ogunhê!
 (ponto cantado de Ogum)

Durante o desenvolvimento, aprendi que o guerreiro Ogum, como São Jorge, “mata um dragão, ou muitos, por gira”, ele é quem dá as ordens para a esquerda executar. Sua guerra ou “demanda”, de acordo com os adeptos da umbanda, é contra tudo aquilo que atrapalha o ser humano em seu caminho, isto é, na maioria das vezes as batalhas ocorrem dentro de cada um dos frequentadores da casa. Dito de outra forma, os adeptos da umbanda são encorajados pelos guias, de maneira geral, a enfrentarem suas fraquezas, impotências, orgulho, preconceitos e outras características que poderiam atravancar sua evolução espiritual.

Nesse sentido, a umbanda proporciona ainda, aos médiuns e assistência, uma rede de apoio social e simbólico que permite o contato consigo mesmo, com conteúdos psíquicos e conflitos internos que são revelados e trabalhados pelos guias nas giras. Além disso, forma-se uma comunidade com quem se pode compartilhar as dúvidas e angústias despertadas pelo enfrentamento dessas questões internas.

Considerando isso, as minhas dificuldades e inseguranças também eram foco do trabalho dos guias. Se, segundo Bairrão (2005), nesse contexto os sentidos são revelados através da relação de cuidado com o pesquisador e Corbin (1998) ressalta a importância de “entrar numa consciência religiosa” para estudar a religiosidade, em minha experiência em campo pude perceber com clareza que, quanto mais permitia a aproximação dos guias, mais compreendia esse universo.

⁸ Para saber mais sobre os exus mirins consultar Bairrão (2004)

Nas iniciações, após a sequência de saudações, um orixá e um guia relacionado a ele era trabalhado, ou seja, recebíamos o amassi⁹ e vibrações dessas entidades. Como esse estudo trata da linha da encantaria, apresentarei a iniciação do orixá Oxumaré e dos encantados para ilustrar e delimitar a descrição.

Na semana anterior à iniciação, houve no terreiro uma aula teórica para explicar sobre as características dos orixás e entidades que seriam trabalhados nas semanas seguintes. A respeito da encantaria, Luciana contou sobre os seus primeiros contatos com a linha, sensações corpóreas, tais como a falta de ar, taquicardia, entre outras que passou a sentir com a aproximação dela. Relatou que, ao falar sobre isso com um pai-de-santo experiente, foi repreendida. O pai-de-santo quis alertá-la sobre as dificuldades que envolviam trabalhar com essas entidades, disse que se trataria de uma linha muito agitada, podendo trazer problemas para o terreiro.

No entanto, Luciana conta que não cabia a ela escolher quais entidades poderiam trabalhar e, a partir disso, passou a conviver com os encantados e eles também procuraram se adaptar à Casa, procurando falar de forma mais dócil, por exemplo.

Outras vivências associadas nessa ocasião por Luciana aos encantados foram os “apagões”, perda da consciência ao realizar alguns tipos de atividades, semelhantes aos relatados por Mãe Tayanna, durante minha visita a Souzel-PA.

Essas sensações e vivências relatadas pela dirigente repercutiram nos demais médiuns que descreveram situações semelhantes que teriam vivido e passaram a relacioná-las à encantaria. Dessa forma, os sentidos foram compartilhados e algumas situações vividas anteriormente, por alguns dos médiuns em desenvolvimento, e que não haviam sido significadas, adquiriram um sentido.

Durante essa conversa, eu mesma senti algumas dessas sensações, tais como frio, taquicardia e fui inundada por um medo irracional e tudo que estava calmo em diversos sentidos da minha vida foi revirado. Fui interpelada, por exemplo, por questões familiares muito antigas que não pareciam passíveis de serem solucionadas e, talvez por isso, há muito estavam adormecidas. No entanto, sem aviso prévio a situação tomou tal proporção que tive que adotar um novo posicionamento e enfrentar de frente o problema que eu e meus familiares tentamos esconder em algum canto escuro por bastante tempo.

Essa semana também foi aquela em que o comentário geral daqueles com que tive algum contato, dentro ou fora do terreiro, era de que muitos acontecimentos calharam de se

⁹ Ritual em que determinadas ervas e folhas são preparadas e colocadas na cabeça do adepto.

agrupar nesse único período. E saindo de um compromisso para outro, o tempo voando muito mais que o normal, ainda que tudo parecesse bastante caótico, consegui concluir todas as atividades com sucesso.

Não obstante, nessa ocasião e em diversas outras, os encantados apareceram associados a sentidos relativos ao medo. Por exemplo, uma encantada falou sobre sua relação com a médium que a incorpora: *“Ela morria de medo da encantaria. Porque é que nem a gente fala: a gente é muito assim... ninguém segura a gente, você entendeu?”*.

Apesar dessa relação entre encantados e o medo parecer evidente, a dirigente do terreiro, ao ser questionada sobre tal associação, nega-a. Porém, durante a preparação para a iniciação da encantaria, ao explicar aos filhos de santo sobre os sentimentos despertados pelo desenvolvimento da encantaria, ela descreve sensações tipicamente provocadas pelo medo, chegando a dizer que foi diagnosticada com síndrome do pânico, mas que acreditava ser na verdade sua encantada se aproximando.

A partir desta ambiguidade no discurso da mãe-de-santo, é possível perceber que alguns sentidos sobre os encantados (o medo, no caso) são conhecidos pelos umbandistas, mas este conhecimento parece não ser da ordem da racionalidade. Isto é, muitas vezes não são captados e transmitidos pelos egos individuais presentes nos rituais e, portanto, dificilmente seriam abordadas numa entrevista. Neste contexto, a ferramenta que permite ouvir este tipo de conhecimento para além da consciência dos médiuns é a atenção flutuante ao que é dito repetidamente, de diversas formas e por diversos interlocutores. Ressalto assim a importância da abertura do pesquisador para participar de situações (rituais de desenvolvimento, no caso) que possibilitem estar presente nos momentos em que sentidos relacionados ao seu foco de estudo possam ser experimentados e revelados de forma coletiva, ou seja, pela troca de relatos de sensações e vivências subjetivas. Além disso, esses sentidos ecoaram inclusive em mim, que pude compartilhá-los com os colaboradores presentes, possibilitando dar ouvidos aos implícitos presentes no contexto da umbanda. De acordo com Rotta (2010), é útil imergir:

no fenômeno umbandista, em sua linguagem e significantes que interpelam sensorialmente os corpos ali presentes. Fala-se aqui de um passo além de conhecer e familiarizar-se com a linguagem umbandista (como simples ouvinte). O pesquisador deve comunicar-se a partir dela, interagir. [...] Quanto maior a disposição de se inserir nesse universo, mais informações sobre o sistema simbólico em questão são adquiridas (p. 33).

No dia da iniciação, eu que nos demais cultos de desenvolvimento muito pouco havia conseguido me entregar à experiência, pois preocupações metodológicas e sobre a coleta de

dados a todo instante permeavam meus pensamentos, senti-me primeiramente muito ansiosa e agitada, até o momento em que cantaram para os guias serem incorporados, fiquei com o coração acelerado, ofegante e com falta de ar. Com o toque do atabaque e os pontos cantados de chamada dos encantados comecei a me sentir distante, como se houvesse sido transportada a outro local, talvez uma mata fechada. O que mais me marcou, pois foi bastante nítido e intenso, foi uma sensação de proteção, e sentir-me completamente segura numa situação tão inusitada quanto uma gira de iniciação da linha dos encantados foi no mínimo inesperado.

De maneira geral, as sensações relatadas pelos médiuns e que vivenciei em inúmeras ocasiões relacionadas aos encantados eram mais relacionadas à ansiedade. No entanto, quando há incorporação, os relatos eram de que após a gira havia um grande relaxamento, com melhora do sono, um sentimento de bem estar, etc. Da mesma maneira, senti-me muito tranquila após a iniciação da encantaria.

Cabe dizer que, dentre as inúmeras sensações experimentadas, para a pesquisa importam as que ecoaram nos relatos e vivências dos médiuns e no contexto.

Ao frequentar a Casa como médium em desenvolvimento, fui acolhida como filha de Oxumaré (orixá associado neste terreiro à encantaria), o que explicava meu interesse pelos encantados e também a simpatia que eles, segundo Luciana, pareciam ter por mim, já que embora tão avessos a questionamentos sobre suas particularidades, autorizaram a realização da pesquisa, respondendo às minhas perguntas com bastante disposição.

Herundina, durante a iniciação da encantaria, logo que chegou (incorporou), se aproximou de mim oferecendo sua bebida (cerveja quente) e disse para me preparar, perguntando se eu conseguiria traduzir para a pesquisa o que sentiria naquele contexto. No momento, não entendi bem a pergunta e respondi que esperava contar com a sua ajuda para tal feito. Após uma reflexão sobre o ocorrido, considerei que a encantada da mãe-de-santo estava de certa forma me autorizando a falar a respeito de minhas experiências durante os estudos. Tendo em vista que a instrução comum é a de que aquilo que se vive nas giras de desenvolvimento não deve ser comentado com pessoas de fora, essa autorização se configura fundamental para o andamento da pesquisa. Assim, com autorização e ajuda dos encantados pude ir mais a fundo nas sensações e sentidos associados à linha e expô-los nesse trabalho.

Depois disso, ela explicou para os demais médiuns em desenvolvimento sobre sua família: *“parecem ciganos, mas não são; parecem marinheiros, mas não são; parecem pretos velhos, mas não são; parecem exus, mas não são; o que então é a encantaria? É um mistério...”*. Ela contou também a respeito de uma cobra que levava consigo, era um objeto de

metal dourado e, por ser articulada se assemelhava ao animal vivo, com movimento, e segundo ela poderia ganhar vida e picar aqueles que fossem ruins. Os demais médiuns não queriam se aproximar do objeto, pareciam ter medo. Ela se aproximou de mim e perguntou se eu queria conhecer a cobra, como respondi que sim, enrolou-a em meu braço e assim permaneci por algum tempo. O fato de ela ter se dirigido a mim, bem como o gesto de enrolar a cobra em meu braço, provavelmente, são formas de interpretar-me como filha de Oxumaré, já que esse animal é uma das possíveis formas desse orixá.

Assim, a possibilidade de estar no lugar de filha de Oxumaré permitiu a apreensão de aspectos sutis que a racionalidade não capta, tais como sensações, sentimentos e informações não verbais, importantes para a compreensão de fenômenos religiosos. Além da possibilidade de ser transformada nas relações estabelecidas em campo, o que, segundo Laplantine (2004), faz parte do processo da pesquisa etnográfica.

Entrar em contato com os sentidos de encantados trouxe-me uma nova perspectiva e mais maleabilidade para minha vida. Como nas Aventuras de Yasmim (poesia que “abre” a dissertação e fiz durante o trabalho intensivo de coleta de dados), pesquisar os encantados foi encontrar todo um mundo novo. De início, aterrorizante como tudo o que é desconhecido, mas de fato encantador.

Yasmim é minha gata e, como eu, passou por muitas transformações no decorrer da pesquisa. Casei-me, mudei de casa, de cidade, de ares. Tudo isso possibilitou que esse estudo fosse realizado com a inspiração do ar novo. A abertura diante do desconhecido, poder vislumbrar uma infinidade de possibilidades, a flexibilidade para se adaptar, redefinir-se, proporcionadas por minhas mudanças pessoais foram fundamentais e também decorrentes da realização dessa pesquisa, pois para conhecer os encantados, compreender seus dinamismos, precisei poder resignificar a mim mesma.

No início da coleta de dados, mudei-me para um local afastado da cidade, cercado de muitas árvores e animais. A história de Yasmim encontrando esse “novo mundo” sintetiza o meu envolvimento com a encantaria. A princípio, foi necessário enfrentar o medo do desconhecido, a ansiedade diante de tantas informações tão diferentes, histórias de pessoas que se transformavam em animais, que escolhiam uma família para se encantar e viajavam em navios encantados. Dar conta de aceitar que nem tudo pode ser compreendido, pelo menos não como concebemos a compreensão, ouvir e, mais do que isso, fazer parte desse mundo de encantamentos trouxe mais serenidade para minha vida.

Assim, a espuma criada pelos movimentos do mar, que de súbito desaparece após o quebrar das ondas, é como encontrar a encantaria. É necessário silenciar-se e estar num estado

de profunda contemplação de si para dar algum contorno às sutis mudanças que o contato com essas entidades provoca. Como seres das matas, das águas, dos ventos, os encantados são a alteridade que desperta o sonho que há dentro de cada um. Eles são ligeiros e difíceis de achar, porque parecem se encontrar em qualquer lugar e lugar nenhum. Suas encantarias cheias de mistérios espelham o terror, o entusiasmo e o arrebatamento diante do novo. E se o absurdo é sua morada, conviver com o encanto é transformador ainda que quase impalpável.

3.5 “Ele é pequenininho, mora no fundo do mar”

Desde o início da pesquisa, a relação entre encantados e as crianças da umbanda me intriga. Em pesquisa anterior, sobre a linha de Cosme e Damião, durante a coleta de dados, em nenhum momento houve referência à linha dos encantados associada às crianças. Porém, ao iniciar as pesquisas bibliográficas para a realização do projeto de mestrado sempre me vinha à cabeça o ponto cantado que escutava no terreiro quando os erês eram incorporados:

*“Ele é pequenininho
Mora no fundo do mar
Sua madrinha é sereia
Sua mãe é Iemanjá.”*

Lembrando de alguns pontos cantados e conversas com os espíritos infantis, comecei a desconfiar que alguma das entidades que eu havia pesquisado poderiam ser encantadas.

No trabalho de campo no Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro, os encantados me relataram que na maioria das vezes preferem trabalhar na umbanda sem se apresentar como encantados, para não assustarem os médiuns. Então, poderia eu já ter encontrado os invisíveis, sem saber, em minha pesquisa com os erês?

Os espíritos infantis foram os guias que falaram mais profundamente sobre os encantados. Durante uma gira de Cosme e Damião, conversei com uma criança que falou para eu escolher uma de suas chupetas e fazer um pedido. Pensei imediatamente no bom andamento da pesquisa. Ela ficou brava, fazendo manha, disse que eu tinha pedido algo muito difícil, se eu não podia querer nada mais fácil.

A seguir, perguntou se eu aguentaria, eu devolvi a pergunta para ela, que ficou um tempo em silêncio e, em seguida, disse que sim. Pediu que acendesse uma vela cor-de-rosa em seu nome e, dessa forma, me ajudaria. Entretanto, afirmou que não seria rápido, mas que eu aprenderia muita coisa. Perguntou se eu queria mais alguma coisa, como eu não tinha falado nada, apenas pensado na pesquisa, falei da minha intenção de estudar os encantados. Ela disse que já estava sabendo e enfatizou a dificuldade do tema, perguntando por que eu tinha de escolher logo os encantados? Pois se trata, segundo ela, de uma linha muito forte, mas seria possível estudá-los porque também sou muito forte.

Assim, com as bênçãos de Cosme e Damião, segui pensando qual seria a relação entre a linha das crianças e os encantados. Por que as entidades das demais linhas orientavam que eu me dirigisse diretamente aos encantados para pedir ajuda em minha pesquisa e essa criança diz para acender uma vela em seu nome?

Em outra ocasião, um espírito infantil disse-me que os encantados eram seus amiguinhos e que estavam todos presentes naquele momento. Ficava em silêncio como se os estivesse ouvindo e em seguida caía na gargalhada. Falou para colocar flor, guaraná, doces e mel (elementos normalmente associados às entidades infantis) perto do meu local de estudo, que os encantados apreciariam e iriam me ajudar. Disse ainda que, por não se tratar de espíritos, as pessoas não os entendem e não acreditam neles. Fazia um movimento de giro rápido com as mãos para me mostrar como são os encantados, dizendo que vivem nas matas, rios, cachoeiras e para eu pensar no final do arco-íris (possível manifestação de Oxumaré) para encontrá-los. Por fim, perguntei se ela era da linha dos encantados, mas me respondeu que não poderia dizer.

Durante a entrevista sobre os sentidos dos encantados, Luciana me contou que os espíritos infantis são todos da linha dos encantados, seu grande conhecimento e poderes revelariam que não são “*apenas*” crianças. E em suas brincadeiras, gestos, falas, silêncios e mistérios, os erês mostraram uma proximidade com a encantaria que não apareceu em nenhuma outra linha.

Além disso, também parece haver uma proximidade entre essas linhas com relação aos seus sentidos implícitos. Enquanto as crianças na umbanda podem ser vistas como

mediadores no processo de autorrealização, relacionadas à futuridade e às potencialidades do self (MARTINS; BAIRRÃO, 2009), a encantaria também se relacionaria à abertura de possibilidades. Nas palavras de Luciana, quando questionada sobre a importância dos encantados, afirma que eles “*abriram uma nova visão: Olha... existem outras linhas dentro da umbanda que às vezes não têm a oportunidade de trabalhar porque ninguém conhece*”. Assim, os encantados, de forma geral, parecem estar associados à flexibilidade, à maleabilidade e à possibilidade do novo.

Eles são ainda relacionados ao orixá Oxumaré associado à transformação, à capacidade de mudar. Esse orixá, segundo conta a dirigente, pode adquirir tanto a forma de um arco-íris como de uma cobra, tendo tanto aspectos femininos, quanto masculinos. Tal associação remete mais uma vez à flexibilidade que apareceu relacionada aos encantados em diferentes ocasiões. Suas características, ao poderem se transformar em homem, animal, adaptam-se a qualquer linha, histórias, famílias. Parece não haver limites para a criatividade. A encantaria é um mundo onde tudo pode acontecer, tudo é possível.

A umbanda, de maneira geral, é flexível, atenta às necessidades de seus adeptos e da sociedade em que se insere. Entretanto, os guias espirituais mostram, em suas histórias, organização de linhas do panteão etc, um compromisso em ser plausível. Há regras que precisam ser cumpridas. Um caboclo, por exemplo, quase sempre é associado ao índio e sua postura, gestos, objetos rituais e falas remetem à mata, à aldeia, etc.

Já os encantados são submetidos apenas às regras do maravilhoso, são figuras que parecem tiradas de um conto fantástico, como num sonho compartilhado: princesas turcas, rainhas gregas, tubarão, pássaros surgem contando histórias de um tempo fora do tempo, de uma terra encantada da qual eles retornam em seu grande navio. Um navio que também pode trazer os invisíveis de volta à vida, nem mesmo a morte é certa em seu mundo.

Assim como as crianças, os encantados se mostraram como seres atemporais. Bem como relatou Ferretti (1992), a eles não se aplicam condicionamentos temporais e espaciais. Como são a plasticidade “encarnada”, parecem estar relacionados à possibilidade de restaurar a capacidade de sonhar dos médiuns, que passam a conviver com seres que são dotados de profunda liberdade de criação. Podem transformar, produzir o inusitado do nada. É como se o infantil, a imaginação, o novo, se impusesse a outras categorias do panteão, possibilitando o “se encantar”.

Os encantados também são animais. Segundo Safra (1999), o aparecimento, na clínica, de imagens de animais assinala aspectos do self do paciente que ainda não foram integrados à

personalidade. Dessa maneira, podem se relacionar às potencialidades da pessoa ainda não realizadas.

A partir disso, é possível associar a linha da encantaria, assim como a das crianças, à futuridade. Os aspectos relacionados aos animais em que os encantados se transformam, como, por exemplo, a capacidade de observação da águia, que a encantada da dirigente do terreiro traz, poderia ser relacionada a uma característica potencial da própria dirigente. É como se fossem os responsáveis por preparar a consciência do médium, afrouxando a rigidez da racionalidade, dotando-os da capacidade de conviver com o maravilhoso e ao mesmo tempo dando pistas e fortalecendo potencialidades.

Quando a encantada chefe da Casa diz para eu pedir para sonhar com os encantados, revela que a encantaria é da ordem do onírico, sua especialidade é o sonhar e trazer um pouco do seu mundo para a realidade. A possibilidade de conviver lado a lado com o maravilhoso traz consigo toda uma ressignificação da realidade. Eles parecem permitir uma nova dimensão das coisas.

Assim, trazem a ressignificação não apenas para a umbanda e seu panteão, mas também para a vida de seus adeptos. Afinal, lidar e conviver com espíritos concebidos como almas de mortos já não é uma tarefa tranquila, Luciana conta que precisou buscar apoio na literatura e conhecimentos acerca da espiritualidade, de modo a compreender e organizar melhor sua visão da mesma.

Porém, quando se trata da encantaria não há ainda uma sistematização de conhecimentos, cada entidade aparece quando quer e faz aquilo que tem vontade. Também não há uma definição rígida de categorias ou famílias, cada encantado trabalha de uma maneira, com determinados objetos rituais, cores de velas e elementos próprios: *“quando você pensa em caboclo, você já pensa em arco e flecha, arco, flecha e cocar. A eles [encantados] não tem como você associar nada, pra cada um deles é uma coisa, um tipo de instrumento, de ferramenta, de trabalho, né?”* (Luciana).

É tão complicado lidar com essa categoria que não pode ser associada a nada, que traz consigo qualquer possibilidade, seja de forma e instrumentos de trabalho, como em suas narrativas e no comportamento dos médiuns, que Luciana preferia não apresentar os encantados à assistência.

No início da pesquisa, quando falei que queria estudar os encantados, uma das médiuns me falou: *“ih... vai pirar sua cabeça...”*. Na ocasião não compreendi muito bem o comentário, ela também não me explicou melhor, mas acredito que seja em função dessa abertura de possibilidades que implica a noção de encantar-se. É comum dizer que para tudo

na vida há um jeito, só da morte não se escapa, mas para o encantado, até a morte pode ser relativa.

Nesse sentido, se tentar compreender os encantados racionalmente, de forma objetiva, poderia resultar na “piração da minha cabeça” ou, mais fácil seria, reduzir a encantaria a uma “piração da cabeça” dos médiuns, mas tal postura pouco, ou nada, contribuiria para a investigação dos sentidos dos encantados. Portanto, é importante ressaltar aqui a necessidade de uma postura metodológica que não atribua juízos de valor a diferentes concepções de realidade.

Retomando a relação dos encantados e os erês, enquanto as crianças estão mais próximas do divino, do espírito, ligadas à totalidade, ao início e ao fim (MARTINS; BAIRRÃO, 2009), os encantados aparecem como os mais próximos do homem, entre a matéria e o espírito. Assim, as crianças são sempre relacionadas à direita umbandista. Devido à sua pureza, normalmente não se aproximam e não auxiliam em questões materiais, mais relacionadas à esquerda umbandista. Já os encantados destacam-se por sua total flexibilidade e tratam dos mais diversos assuntos.

Também, diferentemente das crianças, os encantados são frequentemente associados ao medo, despertam sentimentos contraditórios de horror e fascínio. Isso pode se dar justamente por causa de sua maleabilidade. Os médiuns relatam que não sabem quando o encantado pode “aparecer” e também não fazem ideia do que pode ocorrer quando são incorporados. São entidades de muita força, “*que tomam conta da coroa do médium*”, e dados a atos inusitados: “*porque assusta, porque o médium vai falar: ‘Ai meu Deus do céu! O que eu vou fazer? Já pensou se o guia me cisma de virar uma bananeira?’*” (Encantada Mariana).

Assim como as crianças, os encantados podem ser associados à futuridade, às potencialidades e à plasticidade. No entanto, além dos erês, também a encantaria é pura possibilidade, podendo se apresentar em qualquer forma ou linha e traz para a vida dos médiuns o convívio com o mundo dos sonhos e do mistério.

3.6 “*Quem desencantar Lençol, põe abaixo o Maranhão*”

Uma das questões que essa pesquisa se propôs a discutir foi discernir se o alastramento da encantaria se relacionaria a uma interpenetração de práticas de diferentes partes do país devido a, por exemplo, migrações e à comunicação; ou se este processo estaria subordinado a uma seletividade, isto é, se há uma recriação das concepções de encantados a partir de uma lógica interna ao grupo que as adota.

Nesse terreiro, como foi referido anteriormente, a encantada começou a incorporar na dirigente sem sequer que ela soubesse da existência dessa linha, inclusive essa entidade diz que teve de se mostrar aos poucos, conquistando gradativamente a confiança e simpatia da casa.

A partir disso, pode-se dizer que a encantaria não está submetida à vontade consciente do devoto. Conforme descrito na literatura sobre o tambor-de-mina, os encantados podem incorporar mesmo contra a vontade do indivíduo, ou como no terreiro estudado, sem o conhecimento prévio da linha por parte do médium. E, muitas vezes, não aparecem, não são incorporados quando são esperados, isto é, não é todo médium que “*tem a coroa aberta para a encantaria*”, não é todo médium que incorpora os encantados, mesmo que queira.

Conforme foi relatado pelos médiuns e guias, os encantados no Templo de Umbanda Flecha de Ouro são associados e se referem às linhas e histórias da encantaria do tambor-de-Mina. É possível dizer que a introdução do culto aos encantados nesse contexto foi de alguma maneira influenciada pela presença de Sônia, que já tinha conhecimentos e experiências com essas entidades. Inclusive, depois de terem se revelado como encantados, Sônia conta que foi procurar suas antigas anotações de pontos cantados sobre a linha e as levou para Luciana que incorporou as cantigas aos rituais.

No entanto, também se pode dizer que há uma maneira particular dessa linha se mostrar nesta Casa, como, por exemplo, ao procurarem ser mais brandos em sua maneira de falar, principalmente com as pessoas da assistência, conforme foi solicitado por Luciana. A encantaria, que é extremamente flexível, parece ter procurado adaptar sua forma de trabalho ao estilo do terreiro, ainda que também tenha mantido algumas especificidades como a flexibilidade e possibilidade de trabalhar em outras linhas. Porém, os encantados contam que, ao trabalharem em outras linhas, procuram respeitar a hierarquia da Casa e seguem regras estabelecidas. Por exemplo, Mariana contou que, quando a encantaria é incorporada numa gira de caboclos, não utiliza acessórios, tais como lençóis e bijuterias que são usados nos rituais próprios da encantaria, porque isso não é comum na linha dos caboclos.

Assim, é possível dizer que ambas as hipóteses são pertinentes. Desse modo, como houve influência do contato com a encantaria vinda da Região Norte, através de Sônia que frequentou a Fraternidade de Umbanda Pai Jacinto de Aruanda, “feito” por Francelino Xapanã, os encantados também alcançaram uma forma particular de se apresentar no Flecha de Ouro.

Cabe destacar que, segundo o que foi relatado por Luciana, os encantados de seu terreiro possuem um grande apreço pela figura de Francelino, que é visto como o responsável pela disseminação da encantaria para outras regiões. Luciana contou que sua encantada ficou um tempo afastada do terreiro e avisou que os encantados estavam tristes porque em breve morreria uma pessoa muito importante para eles e que os médiuns saberiam a quem ela se referia pelas notícias. Alguns dias depois, Luciana disse que leu no jornal sobre a morte de Francelino e soube que era dele que a encantada falava.

Ainda sobre a forma como os encantados surgiram nesse terreiro, Luciana contou que já incorporava sua encantada, sem o saber, na linha dos ciganos; entretanto, para ela parecia haver algo diferente na forma de trabalho de sua entidade com relação aos demais ciganos, ainda que não soubesse como definir tais distinções. Posteriormente, Sônia reconheceu a entidade como da linha da encantaria e, com base na sua experiência anterior, proporciona subsídios para que Luciana possa dar nome e comunicar algo anteriormente sem contornos que lhe permitissem um reconhecimento e construção socialmente compartilháveis.

Outro ponto que parece ser importante para a adoção e construção dos sentidos dos encantados nesse terreiro são as informações colhidas através da leitura de trabalhos acadêmicos a respeito da encantaria. Artigos e livros, tais como “Encantaria Brasileira” (PRANDI, 2001), costumam circular entre os médiuns e até mesmo os guias sugerem leituras e pesquisa na internet para conhecer mais sobre a linha. Portanto, esse conhecimento oriundo do estudo da literatura disponível parece contribuir para a formação dessa nova categoria neste contexto.

Também as informações provindas do Colégio de Umbanda Sagrada, de Rubens Saraceni, através da realização de cursos e leitura de livros por parte dos médiuns, contribuíram para a formação dos sentidos de encantados nesse terreiro. A associação dos encantados ao orixá Oxumaré, por exemplo, ao que tudo indica, parece ser um exemplo de como um novo elemento é incorporado e passa a fazer parte de um sistema recomposto com a sua inclusão.

No entanto, é importante ressaltar que, ainda que haja essa tentativa de reconhecer e “enquadrar” essa nova categoria num padrão explicativo adotado e aceito por grande parte dos

médiuns, há também espaço para o inusitado. Os encantados, com sua multiplicidade, não se encaixam perfeitamente em qualquer sistema. E mesmo Luciana fala aos médiuns que é fundamental seguir a própria intuição. Apesar de ensinar em seus cursos passo a passo as sequências “mágicas” adotadas para os diversos tipos de problemas, conforme foi estabelecido no Colégio de Umbanda Sagrada, ela conta que não costuma seguir as recomendações ao pé da letra, adaptando o que aprende ao seu próprio jeito.

Além disso, também parece ter colaborado para a construção dos sentidos associados aos encantados neste terreiro as narrativas presentes em um documentário sobre as princesas turcas que foi assistido pelos médiuns. “*A descoberta da Amazônia pelos Turcos Encantados*”, dirigidos por Campos (2005), apresenta a história do encantamento das três princesas, Herundina, Mariana e Jarina. Nele o sacerdote da Mina Pai Luiz Tayando conta que, no período das Cruzadas, o sultão da Turquia foi expulso de seu palácio e para salvar suas filhas as embarcou num navio para encontrarem um lugar seguro. No entanto, nessa viagem as princesas se encantaram nas águas do mar e desembarcaram no Rio Amazonas. Já em terras brasileiras, conta-se que a comitiva das princesas encontrou a velha índia Tapuia que chorava por seus parentes que foram levados pelos homens brancos. De acordo com o vídeo de Campos (2005), a velha índia teria dito às princesas: “O vento é meu lamento, minhas lágrimas são o rio. Eu sou a pororoca, defendo meu povo contra a maldade que vem do mar, mas vocês podem entrar princesas encantadas.” E aceitas pela população indígena como iguais, na Aldeia de Caboclo Velho, índios e turcos perceberam que compartilhavam os mesmos sofrimentos e esperanças.

Esse vídeo foi visto pelos médiuns do terreiro Flecha de Ouro juntamente com a encantada Herundina. Segundo ela, nessa ocasião explicou para os médiuns sobre sua família e aproveitou os elementos apresentados no Documentário. Porém, não houve uma assimilação passiva dessas histórias vindas do tambor-de-mina do Pará. Os médiuns me contaram que Herundina fazia interrupções a todo o momento para explicar aquilo que poderia ser compreendido como adequado e acrescentava outras narrativas, ou ainda refutava o que era dito. Assim, é possível dizer que houve uma seleção desses elementos apresentados no documentário, de forma ativa, buscando aqueles que poderiam ser aplicados à Casa em questão e que pudessem auxiliar a formação dessa linha neste terreiro. Por exemplo, a sacerdotiza da Mina Mãe Nenê aparece nesse vídeo falando a respeito da Cabocla Herundina. Diz que se trata de uma entidade maravilhosa e de muita luz, embora muitos acreditem que ela utiliza facas e punhais para fazer maldade, estaria na verdade utilizando suas ferramentas, tais como os espinhos do Tucum e o dendê, para realizar curas, “para vencer”, pois é uma guerreira. Ora também neste novo contexto Herundina aparece como uma grande guerreira que trabalha com facas e punhais para a cura dos doentes. Além disso, no último ritual da encantaria em que estive presente e fui convidada a ser cambona das entidades, essa

encantada pediu se seria possível trazer o espinho do Tucum de sua terra (Pará) para realizar alguns trabalhos. Em suma, parece haver, portanto, a apropriação de alguns elementos típicos do tambor-de-mina da região Norte, obtidos seja através do estudo da literatura a respeito, pelo vídeo, seja pelo intermédio de Sônia, mas também recebem novos sentidos ao serem incorporados ao sistema explicativo do Colégio de Umbanda Sagrada e também há espaço para refletirem questões próprias deste grupo de pessoas que os recebem.

Além disso, o vídeo (CAMPOS, 2005) associa os turcos aos caboclos do Brasil, dizendo que eles compartilham os mesmos sofrimentos. O Vodussu Alfredo Benevides relatou aos realizadores do documentário:

Tambor-de-mina é realmente a religião oficial da Amazônia. Nós temos em Belém 2500 a 2700 terreiros de tambor-de-mina. Todos cultuam o tambor-de-mina mais uma sequência de pajelança, a encantaria. Isso fez com que a encantaria tivesse o poder de agregar, de unir, o poder de construção. Os deuses da Amazônia não abandonaram os caboclos daqui, pelo contrário, agregaram-se a outros deuses da África. A Amazônia é essa grande nação de folha, de erva, de semente, que não tem braço, nem pernas, nem cabeça, mas têm dois corações. Esses dois corações são as divindades da encantaria tanto africana como daqui da Amazônia.

A encantaria nesse documentário (CAMPOS, 2005), portanto, é apresentada e valorizada por unir as diferentes culturas (europeia, indígena e africana), contribuindo para a formação do tambor-de-mina e do povo brasileiro. Deste modo, o que uniria turcos, índios e negros seria o sofrimento e a luta contra os brancos cristãos.

Também no Templo de Umbanda Flecha de Ouro um dos sentidos associados amplamente à encantaria é a luta, a guerra, a defesa. Herundina se transforma na pororoca, assim como a velha Tapuia que aparece no documentário (CAMPOS, 2005) e ambas compartilham do aspecto guerreiro e lutam bravamente na defesa dos seus. Por exemplo, a encantada me chamou para perto de si durante uma gira de encantaria e disse que sou uma de suas filhas, afirmando que sempre que for preciso estará pronta para me defender, pois seu “negócio” é a guerra, adora uma boa batalha e defenderá sua família com toda gana.

Outros sentidos que aparecem no documentário (CAMPOS, 2005) e também no terreiro em questão estão relacionados à mistura e à possibilidade da encantaria fazer o inusitado. No vídeo, Rei Sebastião “abre as portas da encantaria” para as princesas. No entanto, o próprio narrador ressalta a ironia presente nesta história, já que o rei português e cristão seria na verdade grande inimigo dos turcos, explicando: *“encantaria é algo tão fascinante que derruba todas as dores e inimizades. A encantaria é uma oportunidade das pessoas confraternizarem e participarem da construção de um mundo melhor”*. Da mesma forma, no terreiro os encantados aparecem junto e transformados em outras linhas da umbanda, trazem nas giras diferentes tipos de espíritos para trabalharem unidos e também têm como objetivo a evolução dos adeptos e das entidades.

É possível ainda associar o surgimento da encantaria neste terreiro à necessidade dessa comunidade de se firmar como umbandistas, adeptos de um culto afro-brasileiro. Diversos são os relatos dos médiuns de que ainda há muito preconceito com esse tipo de religião e de que muitas foram as dificuldades passadas pelo terreiro para se estabelecer e ser aceito como tal. Nesse sentido, também pode ser estabelecida uma relação dos encantados deste terreiro, com os guerreiros dos tempos das cruzadas e com a luta contra a opressão e dominação de uma cultura sobre a outra, conforme percebeu Meyer (2001) e Ferretti (1992). Ainda nos dias de hoje persistem as concepções de que haveria um único e verdadeiro Deus, o dos cristãos, e de que os deuses cultuados pelos africanos, ou “pior ainda”, a mistura de guias cultuados pela umbanda, seria superstição, “ignorância de gente atrasada”, ou “atuação demoníaca”. Daí a importância desses guerreiros turcos que lutam pela liberdade, por outras possibilidades de crenças, estarem mais vivos do que nunca e se espalhando por terreiros de umbanda.

Os encantados, portanto, aparecem nesse novo contexto relacionados ao novo, a maleabilidade, a abertura diante da mistura, da transformação, mas também associados à firmeza, lutam por seus filhos para que eles possam exercer seu direito à liberdade de crença e religião e resgatam as raízes negras e ameríndias do povo brasileiro, favorecendo a união de diferentes elementos e valorizando essas culturas que foram e ainda são tão subjugadas e perseguidas

3.7 “Ô Herundina, é a flor que brilha o dia, ela é a pororoca, ela é a luz do dia”

Como a encantada que personifica a pororoca, a confusão do encontro das águas, a renovação e o fluir; a linha dos encantados parece proporcionar ao indivíduo a multiplicidade, a possibilidade de infinitas perspectivas.

Houve diversas ocasiões, nas giras que não eram públicas, mas direcionadas ao desenvolvimento mediúnico, em que a encantada da dirigente se fez presente sem considerar a organização previamente estabelecida, pois cada iniciação era agendada e se relacionava a determinado orixá e entidade associada a ele. No entanto, a encantada muitas vezes perguntava se os médiuns esperavam sua presença, mas já não os encontrava tão surpresos, pois eles acabaram se acostumando com sua forma imprevisível de trabalho. Os médiuns relataram que houve outras iniciações em que a encantada se fez presente “*bagunçando*” toda a organização que tinham estabelecido e ainda trouxe consigo diversas outras linhas que não eram esperadas para serem incorporadas naquela ocasião, estendendo bastante a gira e deixando os médiuns em desenvolvimento esgotados ao sentirem tantas vibrações distintas.

A encantada chegou mesmo a explicitar que estava ali para “*bagunçar*”, pois segundo ela, se está tudo muito organizado, se os médiuns sempre sabem o que esperar da gira, “*não tem graça!*” e “*de surpresa é melhor, não é? Assim vocês não sabem o que vai acontecer, não é?*”. Assim, tudo parece indicar que os encantados surgem nesse contexto trabalhando a abertura dos médiuns para novas possibilidades e enfatizando o aspecto plástico e misterioso do culto umbandista.

A vivência da umbanda, o relacionamento com os espíritos, as sensações, os sonhos etc, despertados pelo contato com essa peculiar visão de mundo, dificilmente podem ser decodificados, explicados dentro de uma lógica racional/ocidental. Por essa razão, costumam despertar muitas dúvidas e angústias nos adeptos. É comum, durante o desenvolvimento mediúnico, o médium se questionar sobre sua sanidade mental. Afinal, nesse contexto se valorizam noções, percepções e sensações que não são consideradas no dia-a-dia e que são, inclusive, muitas vezes atribuídas a sintomas comuns em casos psiquiátricos.

Entretanto, nesse universo as possibilidades são mais amplas, a comunicação ou mesmo vidência do mundo espiritual, intuições sobre acontecimentos futuros, entre outras experiências que podem ser vistas de maneira depreciativa em outros contextos, são naturais na umbanda, ainda que nem sempre fáceis de lidar.

Assim, de certo modo, todas as entidades que são incorporadas na umbanda possibilitam a convivência com a plasticidade do mundo do mistério. No entanto, os encantados, aparentemente, revelam de maneira mais explícita esta característica. Conforme foi dito, eles são pura potencialidade, são abertura total às possibilidades.

Dito isso, é possível ainda estabelecer a hipótese de que a necessidade de incorporação dessa nova linha, nesse terreiro em questão, relacionar-se-ia ao fato de haver uma grande preocupação em se organizar as giras, as manifestações espirituais, já que há uma importante valorização do conhecimento nessa casa, além de uma tentativa de se explicar, padronizar os fenômenos vivenciados, possivelmente como forma de lidar com a angústia despertada por aquilo que não pode ser decodificado, aquilo que é da ordem do inefável.

Os encantados, em suas histórias, formas de manifestação, mostraram-se possibilitando que uma hipótese bastante improvável se atualizasse. Como em suas narrativas maravilhosas que não possuem compromisso com a plausibilidade, instigam os adeptos a uma maior abertura e convivência com o onírico, aprimorando a capacidade de imaginar, fundamental à criação.

Luciana, ao se referir às características de Oxumaré, durante o curso de Magia das Pedras, conta que esse orixá atua renovando a vida dos adeptos. Ela diz que quando se pensa que *“as coisas estão se encaminhando, encontrando seu rumo, tudo se organizando, vem Oxumaré e muda tudo”*, nesse momento ela se dirige a mim e diz: *“acho que descobri o mistério da encantaria! Não é encantaria, é encrencaria!”*.

Assim, a encantaria surge para desestabilizar o que é instituído, quebrando com tudo que é pré-estabelecido. É provável que a incorporação dos encantados no contexto umbandista, primeiramente na região do Pará e Maranhão e, atualmente, difundindo-se por todo o país, tenha o papel de desestabilizar sistematizações da natureza do panteão pré-existent e induza rearranjos conceituais.

Aliás, parece ser a ausência de limites, ou de contornos que torna a convivência com o encanto, a princípio, aterrorizante. Afinal, quando se convive com a totalidade do absoluto, aprende-se a conviver com o mistério, a encantaria. Assim, por outro lado, os encantados também apareceram trabalhando no enfrentamento dos medos, protegendo seus filhos e os ensinando a lidar com os temores diante do sagrado.

O surgimento dos encantados na umbanda, ao que tudo indica, parece possibilitar a ampliação do panteão não apenas em extensão, com a criação de uma nova linha, mas também permite o re-encantamento dos demais espíritos, ou seja, a dissolução de significados cristalizados por toda a umbanda. Os encantados parecem resgatar em cada espírito, em cada

linha, a possibilidade de ser mais, de mudar, de se encantar, como no caso da Herundina que, inicialmente, apresentava-se na linha dos ciganos e depois se revelou encantada. Além disso, a encantada pode incorporar “virada” na linha dos caboclos, ou das pombas-gira, ou da encantaria e muitos encantados são incorporados como marinheiros, segundo eles por sua afinidade com o mar. Em sua pesquisa sobre os pretos velhos, Dias (2011) se deparou com os pretos velhos da mata, encantados que apresentaram novos sentidos sobre essa categoria de entidades (pretos velhos), diferentemente dos escravos humildes e pacientes, esses encantados contam que fugiram do cativeiro para a mata, onde se tornaram hábeis feiticeiros. Desta maneira, parece que a linha da encantaria pode levar o encantamento a qualquer outra linha de espírito, qualquer guia mais ou menos definido pode, a qualquer momento, revelar-se encantado. Assim, os encantados não se transformam apenas em animais, eles aparecem, quando querem, nos próprios espíritos tradicionais da umbanda. No entanto, não são duplos, nem se disfarçam, embora também o façam, mas possibilitam a redescoberta da novidade nos antigos espíritos.

Portanto, os encantados acrescentam algo ao entendimento das outras linhas da umbanda e vão além de uma nova categoria. Com isso, não apenas o panteão umbandista passa a ter literalmente infinitas possibilidades de entidades e linhas espirituais, mas todas as pré-existentes podem ser ressignificadas, possibilitando a ampliação e a aprofundamento dos sentidos de categorias espirituais potencialmente saturadas de significado.

Se a encantaria carrega consigo a infinidade de linhas e possibilidades, se rompem limites, na umbanda pode-se dizer que essa linha age desconstruindo intelectualizações e a racionalidade espírita. Eles são antíteses demolidoras que contestam as formas de domesticação e controle do desconhecido humano. Enquanto a conceituação “bem comportada” do transe por meio dos outros espíritos, concebidos segundo a concepção espírita, os obriga a serem iguais a si mesmos e preferencialmente “almas” em processo de purificação, os encantados parecem não se preocupar com isso. Deste modo preservam toda a liberdade para refletirem e ocultarem o humano, despreocupados de serem gente ou animais, vivos ou mortos, espíritos ou corporais, podem ser dóceis ao sopro da verdade e preservam a capacidade da umbanda expressar a natureza, conflitos e contradições próprias do ser humano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encantados se mostraram semelhantes aos invisíveis relatados na literatura sobre o tambor-de-mina do Pará e Maranhão em suas histórias, nomes, famílias, cantigas, objetos etc. No entanto, também revelaram novos sentidos, mostrando sua flexibilidade para trabalhar em diferentes linhas e cultos.

A partir disso, é possível dizer que o aparecimento da encantaria, nesse terreiro, foi influenciado pelo contato de médiuns da casa com os invisíveis da Mina, mas também pelo contato dos médiuns da Casa com textos e documentário a seu respeito. Além disso, pode-se dizer que há especificidades que podem ser associadas a essas entidades em particular, principalmente com relação à função que elas parecem cumprir nesse novo contexto.

Considerando que há na Casa, e, diga-se de passagem, na umbanda contemporânea, uma grande preocupação em se explicar o mundo espiritual, buscando esquemas e padrões que definam as entidades (as chamadas codificações, entre as mais conhecidas, a de Rubens Saraceni), provavelmente como forma de lidar com a angústia provocada pelo inefável, os encantados e seus mistérios, ao que parece, surgem para desarranjar as categorias saturadas de significado, cristalizadas, ou nas palavras da encantada guia do terreiro: para “*bagunçar*”. Dessa maneira, contribuem para a “*fluidez*” da umbanda, enfatizam o aspecto misterioso do contato com o sagrado e trabalham na abertura dos médiuns para o novo, o inusitado, além de preservarem a capacidade da umbanda expressar nuances e sutilezas de vivências singulares das pessoas e comunidades.

Portanto, essa linha na umbanda parece ser capaz de desestabilizar o instituído, permitindo que a fluidez que lhe é característica se intensifique. Os encantados parecem cumprir uma função de evitar os desmandos da mente estéril racionalizante.

Nesse sentido, retomo a frase de um erê que me disse que para encontrar os encantados era só ir até o final do arco-íris. A encantaria parece, pois, recuperar a fantasia no contexto umbandista, possibilitando a ressignificação de todo panteão, da própria umbanda e de aspectos psíquicos dos médiuns.

Assim, além da cantiga de encantado que diz que eles seriam um “*mistério, segredo que ninguém sabe*” que me foi apresentada durante diversos momentos da coleta de dados, mostrando-se reveladora de sentidos sobre a encantaria, duas outras vivências me pareceram reunir os principais elementos que encontrei associados a encantaria nesse contexto.

Finalizando a coleta de dados e o texto sobre os encantados, recebi o seguinte depoimento de uma médium que frequentou a Casa

Incorporar um encantado é se transformar nele e ver o mundo a partir dos seus olhos... O mundo é visto a partir das sensações q ele emana, da relação sensorial com este mundo e não com uma objetividade. As metáforas são muito próximas do sensível, do que toca, e as pessoas são atingidas por uma certa poesia, por algo que pulsa a partir delas na relação com a entidade e não de uma compreensão racional.

A médium me contou ainda sobre sua preta velha, encantada numa tartaruga, que sonhava em se libertar da escravidão e conhecer o mar. Ela amava tanto o mar, que teria seu casco sempre em seu leito, até se transformar numa água-viva. Os encantados, portanto, são da ordem do onírico, poético e mutável.

Além disso, a forma como foi se estabelecendo o relacionamento entre mim e a linha dos encantados mostrou algumas de suas particularidades. Esse encontro foi apresentado também através de recursos poéticos, como na epígrafe “As aventuras de Yasmim”, que se refere a minha gata com nome de princesa árabe. E também pode ser associado à seguinte história.

Durante o período de maior aproximação minha com o terreiro e com a linha dos encantados, apareceu em meu quintal uma gata do mato. Como os encantados, ela era desconfiada e arredia, aqueles que já a tinham visto perambular pelas mediações de minha casa, diziam-me que se tratava de uma gata muito selvagem e avessa à aproximação humana. No entanto, aos poucos ela passou a frequentar cada vez mais o meu jardim e fui ganhando sua confiança a ponto dela carregar um a um de seus cinco filhotes para minha varanda. A chegada dos gatinhos do mato em minha casa pode ser vista como uma metáfora do meu encontro com os encantados, que envolveu, no início, como uma sensação de medo e apreensão diante da relação com o outro desconhecido e progressivamente evoluiu para o estabelecimento de uma relação de confiança que veio a partir da convivência constante.

Assim, para entender o surgimento da encantaria na umbanda, adentrei nos mistérios umbandistas e suas encantarias, tive que procurar o encantar-se em meus sonhos e foi preciso revelar um pouco mais de mim mesma, ir em busca de meus guias, para conquistar a confiança dos invisíveis, pois parte de sua magia está na possibilidade de se entregar e vivenciar “novos mundos”.

Para finalizar, já que os encantados podem ser melhor compreendidos por meio da poesia, das metáforas e dos sonhos, acrescento um último sonho que tive com um encantado que usava um chapéu de palha. Ele me disse que não havia e nunca haveria uma única definição para os encantados. Talvez eles precisem continuar sendo um segredo, sob pena de se tornarem mais uma categoria estática e cristalizada no panteão, perdendo aquilo que lhes é mais particular, o mistério. Portanto, não pretendo esgotar as possibilidades de sentidos dos

encantados na umbanda, mas colaborar com a construção e favorecer o diálogo sobre a encantaria em um novo contexto.

REFERÊNCIAS

A BARCA, *Baião de Princesas*, Maranhão, Casa Fanti Ashanti: CPC-Umes, 2002, CD.

BAIRRÃO, J. F. M. H. Subterrâneos da Submissão: Sentidos do Mal no Imaginário Umbandista. *Memorandum*, 2, 55-67. 2002. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/bairrao01.htm>> Acesso em 10 fev. 2009.

_____. Raízes da Jurema. *Psicologia USP*, 14 (1), 157-184, 2003.

_____. *Caboclas de Aruanda*: a construção narrativa do transe. *Imaginário*, n. 9, p. 285-322, 2003.

_____. *O Impossível Sujeito*: Implicações do Tratamento do inconsciente. São Paulo: Rosari, 2004.

_____. Espiritualidade Brasileira e Clínica Psicológica. In: Valdemar Augusto Angerami-Camon. (Org.). *Espiritualidade e Prática Clínica*. São Paulo: Thomson, v. , p. 193-214, 2004.

_____. A Escuta Participante como Procedimento de Pesquisa do Sagrado Enunciante. *Estudos de Psicologia*, 10 (3), 441-446, 2005.

_____. Águas e Labaredas: Memória e Reflexões de Gênero no Corpo da Umbanda. In: Josette Monzani e Luiz Roberto Monzani. (Org.). *Imagem / Memória*. São Carlos: Pedro & João Editores / CECH UFSCar, v. , p. 249-278, 2008.

_____. Será possível dar ouvidos ao não verbal e ampliar o alcance da psicanálise à escuta de ações coletivas e de acontecimentos sociais? In: *Encontro Nacional de Pesquisadores em Filosofia e Psicanálise*, 3. Niterói. 2008.

BARROS, M. L. *Labareda, teu nome é mulher: análise etnopsicológica do feminino à luz de pombagiras*. 2010. 392 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), Ribeirão Preto, 2010.

BELZEN, J. A. *Para uma Psicologia Cultural da Religião*. Princípios, enfoques, aplicação. Aparecida: Editora Idéias e Letras , 2010.

BIRMAN, P. *O que é umbanda*. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense. 1985.

BOYER, V. O Pajé e o Caboclo: de homem a entidade. *Mana*, 5(1):29-56, 1999.

BRUMANA, F. G. Reflexos negros em olhos brancos: A academia na afrecanização dos candomblés. *Afro-Ásia*, n: 36: 153-197, 2007.

CAMPELO, M. M; Luca, T. T. As duas africanidades estabelecidas no Pará. *Dossiê Religião*, 4., 2007. Disponível em:<http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20II/4_13.pdf> Acesso em 25 jan. 2009.

CAMPOS, L. A., *A descoberta da Amazônia pelos Turcos Encantados*. 2005, DVD-R.

- CARNEIRO, E. *Religiões negras: notas de etnografia religiosa; Negros bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- CONCONE, M. H. *Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: FFLCH/USP-CER. 1987.
- CORBIN, H. *The Voyage and the Messenger. Iran and Philosophy*. California: North Atlantic Books. 1998
- CRAPANZANO V. A cena: Lançando sombra sobre o real. *Mana*. Rio de Janeiro, v.11, n.2, 2005.
- DIAS, R. N. *Correntes ancestrais: os pretos-velhos do Rosário*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), Ribeirão Preto, 2011.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Être Aff ecté”. In: *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives del’Anthropologie*, 8. pp. 3-9. 1990. Tradução de Paula Siqueira. In: *Cadernos de campo* n. 13: 155-161, 2005
- FERRETI, M. *Repensando o turco no tambor-de-mina*. Afro-Asia, Salvador, nº 15, pp. 56-70, 1992.
- _____. *Tambor de Mina e Umbanda: O culto aos caboclos no Maranhão*. Apresentado no II Seminário Cultural e Teológico da Umbanda e das Religiões Afro-Brasileiras. CEUCAB/RS, 10-13/10/1996; publicado no jornal: O triângulo Sagrado, nº39 a 41/96; divulgado também em: <http://www.geocities.com/Augusta/1531/tambor.htm>.
- _____. Encantaria maranhense: um encontro do negro, do índio e do branco na cultura afro-brasileira. In: XXII REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2., 2000, Brasília, *Anais...* Disponível em: <<http://www.divinoemaranhado.art.br/pag/grl/lit/0600300003.doc>> Acesso em: 12 jan. 2009.
- _____. *Encantaria de Barba Soeira: Codó, capital da magia negra?*. São Paulo: Siciliano, 2001.
- _____. Tambor-de-mina e diversidade afro-brasileira no Maranhão. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC. 53, 2001, Salvador. *Anais...* Disponível em: <www.divinoemaranhado.art.br/pag/grl/lit/0600300002.doc> Acesso em: 24 nov. 2008.
- _____. Tambor de Mina em São Luis: dos registros da Missão de Pesquisas Folclóricas aos nossos dias. *Pós Ciências Sociais*, v. 3, n. 6., 2006. Disponível em: <http://www.pgcs.ufma.br/Revista%20UFMA/n6/n6_Mundicarmo_Ferretti.pdf> Acesso em 11 jan. 2009.
- _____. Encantados e encantarias no folclore brasileiro. Seminário de Ações Integradas em Folclore. 6., 2008, São Paulo. *Anais...* Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Encantados%20e%20encantarias.pdf>. Acesso em 28 nov. 2008.
- FERRETTI, S. *Querebentã de Zomadônu: Etnografia da Casa das Minas*. São Luís: EDUFMA, 1996.

- FREUD, S. "*O caso Schreber*" e outros textos. (1913). Em: S. FREUD. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (J. Strachey, Trad. pp. 130-160, vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. 4.a ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.
- LAPLANTINE, F. A descrição etnográfica. Tradução João Manuel Ribeiro Coelho e Sergio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- LEACOCK, R; LEACOCK, S. *Spirits of the Deep: Drums, Mediums and Trance in a Brazilian City*. New York, Doubleday Natural History Press. 1972.
- LUTZ, C. Ethnopsychology Compared to What? Explaining Behavior and Consciousness Among the Ifaluk. In: WHITE, G. M.; KIRKPATRICK, J. *Person, Self, and Experience: Exploring Pacific Ethnopsychology*. London: University of California Press, 1985. p. 35-79.
- MARTINS, J. R.; BAIRRAO, J. F. M. H.. A criança celestial: perambulações entre aruanda e o inconsciente coletivo. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, Dec. 2009 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Dec. 2010.
- MAUES, R. H. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. *Estud. av.* v.19, n.53, p. 259-274. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142005000100016&lng=en&nrm=iso> Acesso em 13 dez. 2009.
- MAUES, R. H.; VILLACORTA, G. M. Pajelança e encantaria amazônica. In. PRANDI, R. *Encantaria brasileira: o livro dos caboclos, mestres e encantados* Rio de Janeiro: Pallas, p. 11-58, 2001.
- MERCANTE, M, S. Ecletismo, Caridade e Cura na Barquinha da Madrinha Chica. In: XXII Reunião Brasileira de Antropologia da Associação Brasileira de Antropologia. 2000. Brasília, *Anais...* Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/barquinha.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2009.
- MEYER, M. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- NEGRÃO, L. N. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1996.
- PAIVA, G. J. Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 25, n. 3, Sept. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000300019&lng=en&nrm=iso>. Acessos em 19 Oct. 2010. doi: 10.1590/S0102-37722009000300019.

- PELLICIARI, F. S. *Estudo da significância do corpo na Umbanda: limites e possibilidades de aplicabilidade de alguns conceitos lacanianos*. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), Ribeirão Preto, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-04122008-151746/>. Acesso em: 10 jan. 2009.
- PRANDI, R; SOUZA, P. R. Encantaria de mina em São Paulo. In. PRANDI, R. *Encantaria brasileira: o livro dos caboclos, mestres e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, p. 219-280. 2001.
- PRANDI, R. Nas pegadas dos voduns: Um terreiro de Tambor-de-mina em São Paulo. In: MOURA, C. E. M. *Somavó, o amanhã nunca termina*. São Paulo, Empório de Produção, p. 63-94. 2005.
- ROTTA, R. R. Espíritos da Mata: Sentido e alcance psicológico do uso ritual de caboclos na umbanda. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), Ribeirão Preto, 2010. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-22042010.../Raquel.pdf. Acesso em 12 jul. 2010.
- SAFRA. *A face estética do self: Teoria e Clínica*. Unimarco, São Paulo, 1999.
- _____. Espiritualidade e religiosidade na clínica contemporânea. In: AMATUZZI, M. M. *Psicologia e espiritualidade*, São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *A hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*, São Paulo: Sobornost, 2006.
- _____. Perspectivas do manejo clínico da experiência religiosa. In: ARCURI, I. G; ANCONA-LOPEZ, M. *Temas em Psicologia da Religião*. São Paulo: Vetor, 2007.
- SEGATO, R. L. *Santos e Daimones: o politeísmo afro-brasileiro e tradição arquetipal*. Brasília, DF: Editora UNB, 1995.
- SILVA, V. G. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: Edusp. 2000.
- SOUZA, A. R. Baianos, novos personagens afro-brasileiros. In. PRANDI, R. *Encantaria brasileira: o livro dos caboclos, mestres e encantados* Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 304-317.
- SPINK, P.K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*. 15 (3): 18-42, 2003.

ANEXOS

ANEXO 1

Cantigas de encantados do Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro

O seu Martin é beerrão, ele dorme cochilando
Encostado no balcão
Beber pra que, pra que beber?
Amanhã de madrugada seu navio tem que descer

Seu Martin Pescador que vida é a tua
É bebendo cachaça e caindo na rua
Eu bebo cachaça, eu bebo muito bem
Eu bebo é com meu dinheiro e
Não é da conta de ninguém

Lá vem o seu navio, o seu navio vem do sul
Lá vem o seu navio, com bandeira verde e azul
Lá vem, lá vem!

Tambor de Mina é segredo
Segredo que ninguém sabe
Quer conhecer o segredo
Vai lá nas ondas do mar

Tô, tô, tô Juliana
Juliana tô. É de boiboji, Juliana
Juliana to. Oi quando a maré vazar
Vou ver Juliana ê ê, vou ver Juliana á á
Juliana nas ondas do mar
Juliana nas ondas do mar
Bomboromina chegou agora, Júliana nas ondas do mar

É rei, é rei, é rei Sebastião
Quem desencantar lençol, põe abaixo o Maranhão
É rei, é rei, é rei Sebastião
Ele vem pedindo esmolas, não é por necessidade

Palácio de Dom João tem 25 janelas
Cada janela é um luzeiro
Cada luzeiro é uma vela

Ê arara, arara cantadeira, arara rainha das curandeiras
Arara, arara cantadeira, arara ela vem é do ararauê
Mas ela vem é do ararauá
Dasca lagoa, lagoa do Jucá
Quem não, venha ver
A bela turca vadiar

Ô Itá da pena cinzenta, ela vem da tribo de Itapindaré

Oi não lhe chame de homem, ela é mulher

Oi dá licença, eu vim saudar
Maria Bárbara Soeira no abacá
Aê, aê, seu Bandeira, eu também sou da sua trincheira

Brilhou, brilhou foi no luar
Princesa Flora só navega no luar
É no luar, é no luar, é no luar
Princesa Flora só navega no luar
Princesa Flora tem papai e tem mamãe
Princesa Flora já foi filha e hoje é mãe

Barão, Barão, Barão de Goré
Ele é filho do Rei da Mina, ele é Barão de Goré

Chamei na praia ninguém atendeu, ninguém atendeu
Tornei a chamar ninguém deu atenção
Chamei na praia, praia do Lençol
É pertencente ao Rei Sebastião.